



Fábio Régio Bento

Professor Associado da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade S. Tommaso D'Aquino (Roma, 1996). Mestre em Teologia Moral pela Academia Alfonsiana da Pontifícia Universidade Lateranense (Roma, 1992). Pós-doutorado junto ao Núcleo de Estudos da Religião (NER) do PPG em Antropologia Social da UFRGS com pesquisa sobre Religião e Revolução na América Central.

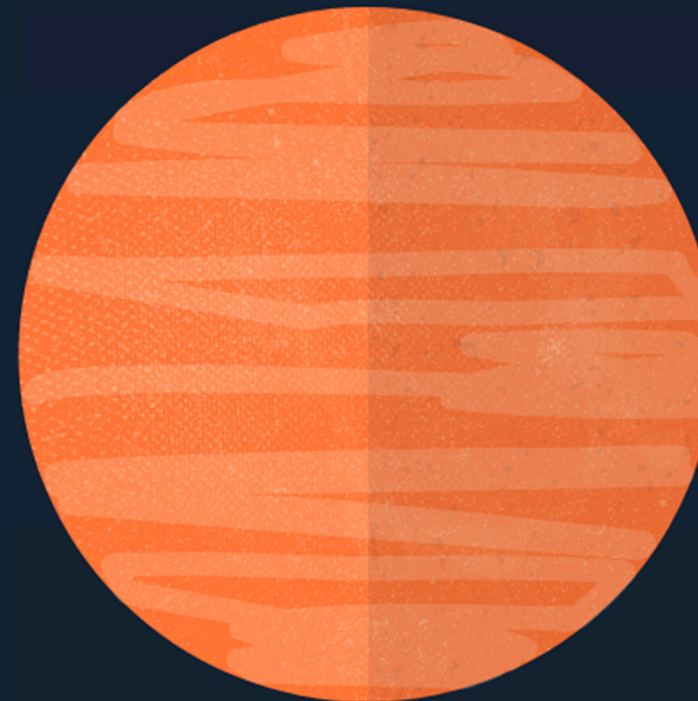
“Se existe um agir agápico, é porque existe um Lugar agápico de onde se pode olhar-agir agapicamente”. A expressão Lugar agápico, que indicava um pouco o Lugar que, num certo sentido, frequentamos na meditação que olha, apareceu como Lugar Real de onde emerge o olhar-agir agápico e, assim, a expressão “agir agápico” saiu do âmbito dos conceitos correndo para o âmbito da realidade vital: somos seres agápicos de um Lugar agápico que olham-agem agapicamente quando, também por meio da ajuda da meditação, mudam-se cotidianamente do lugar da confusão para o Lugar Amor procurando permanecer por ali também depois de levantar da almofada de meditação.



Sexto Continente - Da Hostilidade ao Ágape - Fábio Régio Bento

# Sexto Continente

Da Hostilidade ao Ágape



FÁBIO RÉGIO BENTO



Amar não é coisa fácil, sobretudo quando surgem cenários de conflitos onde os interlocutores passam a ser vistos como sendo seres hostis. Assim, quando surge tal cenário, amar se torna algo hercúleo, quase impossível mesmo. Em tais casos, o máximo que se consegue é não odiar tanto, manter sorrisos forçados, mas amor mesmo é muito difícil em cenários de guerra cotidiana. O problema do não querer amar não está no não querer amar, mas no olhar como estou olhando. Se olho de um jeito, amo. Se olho de outro jeito, nem com banda de música vou amar. O modo de olhar, de montar cenário condiciona o modo de pensar, sentir, agir. Se monto cenário hostil, vou brigar; se desmonto o cenário hostil, posso amar sem tanto esforço.

Fábio Régio Bento

# Sexto Continente

## Da Hostilidade ao Ágape



CEPRIR

- João Pessoa -

2021



© Centro de Estudos em Política, Relações Internacionais e Religião - CEPRIR, 2021

Vedada, nos termos da lei, a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios, sem autorização, por escrito, da editora.

Coordenação editorial - Fábio Nobre  
Diagramação e arte da capa - Fábio Nobre  
Crédito da foto - Fábio Régio Bento  
Revisão técnica - Fábio Nobre

1ª edição, 2021

**CEPRIR**

ceprir.wordpress.com  
Facebook: @ceprir.edu  
Instagram: @ceprir\_edu

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Bento, Fábio Régio

Sexto continente [livro eletrônico] : da  
hostilidade ao ágape / Fábio Régio Bento. --  
João Pessoa, PB : Ed. do Autor, 2021.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-25967-4

1. Ágape 2. Hostilidade 3. Meditação 4. Teologia  
moral I. Título.

21-71373

CDD-242

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ágape : Teologia moral 242

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

*Aos amigos Frei Betto, Mário Feio, Alberto Maggi e Lama Padma Samten*

*“O olho é a luz do corpo. Se teu olho é são, todo o teu corpo será iluminado”  
(Mateus 6, 22)*

---

## Índice

---

<b>Prefácio</b>	<b>7</b>
<b>Uma introdução</b>	<b>9</b>
<b>Começando por aqui</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo 1 – Discípulos da vacuidade</b>	<b>15</b>
<b>Capítulo 2 – Encontros com a vacuidade</b>	<b>23</b>
<b>Capítulo 3 – Vacuidade agápica</b>	<b>32</b>
<b>Capítulo 4 – Arco-íris da vacuidade</b>	<b>58</b>
<b>Parando por aqui - Sexto continente</b>	<b>62</b>
<b>Referências</b>	<b>65</b>
<b>ANEXO 1 - O SEXTO CONTINENTE</b>	<b>66</b>

---

## Prefácio

---

Raimundo de Oliveira Júnior  
Médico Oftalmologista<sup>1</sup>

A vida é uma viagem. Viajamos no tempo e no espaço. Nessa jornada a vida passa em fotografias e imagens como na janela de um trem. Vivemos numa eterna correria, sem nos dar conta de que o tempo nos escapa entre os dedos como a areia de uma ampulheta. Criamos, interagimos e nos digladiamos em cenários de hostilidade e competição. Corremos atrás de nosso sucesso profissional, de nossa projeção social, de uma meta quase sempre fugidia chamada felicidade. Somos atraídos por elementos externos que nos prometem a satisfação. Assim, tudo o que é belo, brilhante, novo nos encanta e perseguimos miragens, projeções, reflexos que costumamos descrever usando metáforas das propriedades da luz, de fenômenos luminosos e do sentido da visão.

Se quisermos entender a visão, poderemos defini-la como a captação de ondas eletromagnéticas (luz) por células fotorreceptoras retinianas (cones e bastonetes) que, através de um processo eletrofotográfico, geram informações em uma área específica do cérebro (lobo occipital) e criam o que chamamos de “imagem”, algo totalmente subjetivo. A luz que chega aos nossos olhos é filtrada a partir do nosso repertório cultural-intelectual e guiada por nossos sonhos e ambições.

Podemos dizer que a visão é um fenômeno cortical e, assim, afirmar que o ato visual não é exclusivamente dependente dos olhos, pois temos a capacidade de ver imagens quando sonhamos, mesmo se estamos com os olhos totalmente fechados.

Vemos o que conhecemos! Se me deparo com um objeto desconhecido do meu repertório cultural, afirmo: “Parece com uma cadeira” ou “Parece uma caixa de som”. Irei sempre compará-lo a algo relativo às minhas experiências de vida. Mas este mundo de aparência sólida é real? As imagens, sons e cheiros dizem que sim. Existe, porém, um lugar-mundo não detectável por nossos órgãos do sentido, mas

---

<sup>1</sup> Membro do CBO - Conselho Brasileiro de Oftalmologia.



pela capacidade de ampliar o olhar para um espaço-tempo diferente, mudando nossa perspectiva de observação. Para isso é preciso deixar o trem em que observávamos o mundo pela janela e embarcarmos na nave chamada “vacuidade” que nos leva a um tempo sem tempo onde o ser sempre foi e sempre será.

Lendo estas páginas, confesso que tive certa dificuldade inicial por me deparar com muitos termos e conceitos novos. Avançando, porém, fui, aos poucos, mergulhando nas descobertas de um mundo novo, revelado através dos olhos do menino Fábio, seguindo suas descobertas na juventude, seu amadurecimento com vários mestres e mestras, sua viagem de descoberta do maravilhoso continente imaterial (Sexto Continente), onde a maneira no existir segue outros paradigmas e gera um outro olhar sobre o mundo físico, algo maior do que aquilo mostrado pela visão.

É muito importante o papel dos mestres e mestras que nos ajudam a expandir nossos horizontes. O curioso é como essas descobertas, em diferentes culturas, são descritas como um “Caminho” a seguir e uma “Luz” para clarear a jornada. No cristianismo, a “Boa Nova”, também conhecida como o “Caminho”, nos leva para o agir crístico e nos ensina: “Os olhos são a lâmpada do corpo. Portanto, se teus olhos forem bons, teu corpo será pleno de luz (Mt 6, 22)”. O Caminho búdico nos aponta para o “Despertar”, e nos oferece um “olhar de Buda”, o Iluminado.

No mundo da física a maior velocidade conhecida é a da luz. Por isso é usada para medir todas as coisas, desde as imensas distâncias cósmicas (dizemos que as estrelas estão a mil anos-luz), até o conceito atual do metro (espaço percorrido por um raio de luz em uma fração de tempo correspondente a um segundo dividido pela velocidade da luz). Assim, se a luz nos traz as informações que direcionam o nosso agir, ao mudarmos nosso olhar, mudaremos nossa régua e nosso agir. Tudo isso me faz lembrar a história de um camponês que, numa época de grande estiagem, não conseguia fazer seu jumento comer o capim que ele tinha guardado no silo, pois o capim estava seco e o animal só gostava do capim verde. Foi aí que ele teve a ideia de colocar um par de óculos verdes nos olhos do jumento e este passou a comer tudo.

Desejamos a todos uma boa viagem, rumo a esse novo Continente!

## Uma introdução

---

As ciências sociais costumam se propor a resolver um desafio básico: antes de pensar as dinâmicas que se passam no mundo, é preciso entender o que é o mundo. Mais do que isso, é preciso decidir como é o mundo. Uma vez que refletimos sobre a natureza desse mundo, somos levados a pensar sobre a natureza do homem que o habita. Como somos? Num mundo hostil, somos hostis. Somos levados à hostilidade, e tal hostilidade é a nossa única saída para a sobrevivência, para a maximização dos nossos interesses e vontades.

As próximas páginas nos instigam a pensar como se dá a construção desse mundo, no campo físico, no nosso imaginário, assim como a nossa própria relação e percepção com esse mundo. Ademais, faz-se pensar a hostilidade, sua inevitabilidade e inerência. Somos, afinal, hostis? Há caminhos para além de tal hostilidade. Mais do que isso, é necessário refletir sobre como a hostilidade encontra caminho para naturalizar-se no nosso lugar-mundo, e como escapar dela para um lugar-mundo de cooperação e coexistência.

Não é tarefa fácil. Mais do que isso, exige de nós uma série de desprendimentos com valores, crenças e certezas que tomamos como verdades. Questionar as nossas próprias verdades também está na pauta do dia. Aqui estamos. É um lugar, o lugar em que existimos e, no entanto, apenas em algum determinado momento fomos informados que existíamos. Existíamos antes de estar? Existíamos antes de ser? Seguiremos na complexa e atarefada existência depois de estarmos?

O conjunto de confissões que convencionamos chamar de religião tradicional africana nos informa da contínua existência. Desde que se é, sempre é. Se deixa de estar, mas não se deixa de ser! É por essas ondas de provocações que as próximas páginas o levarão. Costumeiramente, me parece que a morte reflete uma morte do corpo, embora eu entenda que a morte do corpo não é a morte da alma, ou melhor, não é a morte do ser. Portanto, ainda que morramos, nossa existência não deixa o lugar, o corpo pode partir, mas o ser permanece.

O lugar-ser é, portanto, o objeto de nossos questionamentos. No lugar-ser, nossas disputas passam por uma lente de aumento, e são maximizadas. Acreditamos nas disputas, vivenciamos as disputas e naturalizamos essas hostilidades como se fossem parte integrante, intrínseca e obrigatória, do ser e do lugar. É preciso, no entanto, pensar num lugar-ser em que as hostilidades não sejam naturalizadas, pós elas não são naturais.

A oposição é com a lógica realista, na qual esse lugar que sempre é, é hostil. Mas o inverso do lugar é um não-lugar. O lugar que lerão adiante é um outro lugar, que não precisa ser fabricado. Ele também sempre é, como na lógica epistemológica que acompanha o realismo, esse lugar não pode ser fabricado. Mas não é hostil. E se não é realista, também não é surrealista.

Há um lugar não-lugar, e há um tempo não-tempo. É um exercício metafísico tanto quanto espiritual. Está mais relacionado com o ser do que com alma. O ser se manifesta na coletividade de seres. A seridade compõe o lugar. O ser tem uma relação com o lugar, e o ser tem seu tempo. É um ser-lugar-tempo.

Enquanto o lugar reflete o ser, o ser também reflete o lugar. Para os seres não humanos, costuma restar o valor atribuído que é instrumental e antropocentrizado. A vaca tem valor, porque nos fornece leite, carne, couro. O gato e o cachorro têm valor porque nos fornecem conforto, carinho, companhia. As coisas também, os prédios, as cidades e os campos. “Gosto desse campo porque eu fico olhando e sinto paz.” O valor das coisas é vinculado à sua utilidade para o homem. Nesse lugar em que todos são e as coisas também são, e os espaços também são, as coisas são independente do que achamos que elas são!

Entretanto, nossas práticas ainda refletem as formas como entendemos o lugar. As práticas são fundamentadas nas disputas e na coerção, as disputas geram dor, a coerção gera sofrimento. Dor e sofrimento são também os alicerces da culpa, que é elementar na normalidade do existir. E a própria religião, crística ou búdica, não *per se*, mas pela nossa instrução de que pra suceder é preciso sofrer, é interpretada com base no sofrimento. O sofrimento de Cristo... o sacrifício do monge...

Ao se deparar com um lugar que incute ao ser uma série de rótulos da existência, muitos dos seres acabam por maximizar suas hostilidades através desses selos. Vale pensar que, em muitos idiomas, o nome é absolutamente vinculado ao pai! Anders Johansson, o André, filho do João. Andrei Petrovik, o André, filho do Pedro. No Brasil, vivenciamos ainda a santificação dos sobrenomes como status, que segue a mesma lógica. "O Fábio, filho do delegado, é da família dos Bento."

Mesmo quando o nosso ser já foi definido - por outros - ainda é preciso defini-lo, novamente e outra vez. Como se nunca fosse possível, finalmente, ser; quando, na verdade, sempre se foi. É assim com as crianças. A comum pergunta "o que você vai ser quando crescer" reflete o fato de que, nesse sentido, a criança nunca É! Como a criança não é, à criança é negada a voz, à criança é negado o espaço. E mesmo que se espere que a criança um dia seja, ela não será o que poderia, mas aquilo que esse ambiente hostil a obriga a ser. Um processo que passa ainda pela criação dos medos. A criança pega uma cobra e coloca na boca. Depois ela é ensinada que não pode pegar a cobra, que não pode colocar o dedo na tomada. Ela também é ensinada a ter valores - que não são dela, mas artificiais - e preconceitos.

Alguns escapam dos rótulos. Há o caso de pessoas que, deliberadamente, mudam o nome para criar uma nova identidade, ou para se desvencilhar de outra. Alguns, que são trans, e constroem uma nova identidade, também mudam de nome social. É preciso pensar tais circunstâncias - será que é uma manifestação de quem se era no Lugar-Ser, e se manifesta no lugar físico?! - com o mesmo afeto que podemos pensar em quem encontra razão e conforto no seu ser tal como se é.

O lugar-ser é composto por uma série de espaços, seres e lugares que já estão lá, mas ainda estão ocultos da nossa consciência da existência. Como despertar a nossa consciência para esses novos lugares da existência? Entre Cristo e Buda, as diferentes formas de manifestar o ser e o lugar, ambos são caminhos, ambos podem ser ferramentas também para o olhar. É preciso praticar o olhar não-olhar também, o que, representa uma enorme dificuldade nesse exercício. Só sendo capaz de ter esse olhar não-olhar, é possível ter um olhar-agir que não seja

condicionado, ou que entenda que é condicionado e consiga escapar das contradições do condicionamento.

Mesmo assim, nossa existência ainda continuará, num lugar que pode ser hostil e repleto de separações violentas, as guerras, as lutas. Uma vez que habitamos um lugar-ser que é coletivo, e que está ali antes das separações que são sociais e co-construídas, na verdade, a separação não existe, e é isso que a torna mais traumática. Essa separação também é artificial. É como se o homem lutasse contra o seu braço, atingisse o seu braço, odiasse seu braço, mesmo que depois o amasse e agradasse. Vendo o seu braço como uma parte separada, o homem pode imaginar que ele é outro, mas ainda vai sentir essas dores e amores. A separação é fictícia, artificial.

Talvez, esse universo de incertezas e provocações pareçam um grito de desespero niilista, para o qual nada importa e, mais do que isso, nada é real. São, no entanto, fagulhas que procuram incendiar o questionamento e provocar a transição para um lugar-mundo-tempo que não é inerentemente hostil, que tem uma dinâmica própria, um tempo próprio, muito mais kairológico do que cronológico, e uma relação que, ao contrário da hostilidade baseada numa natureza comum, encontra as similitudes numa natureza de comunidade, seridade e amor. O lugar agápico.

## **Fábio Nobre**

Professor da Graduação e da Pós-Graduação em Relações Internacionais na Universidade Estadual da Paraíba. Membro do Centro de Estudos em Política, Relações Internacionais e Religião (CEPRIR).



## Começando por aqui

---

A meditação silenciosa, que comecei a praticar há pouco mais de dois anos, olhando impulsos de raiva, sensações de medo, olhando a reatividade quando ela emergia nos fenômenos, ajudava e ajuda na vivência cotidiana do amor, que foi a recomendação principal de Jesus: “Amai-vos uns aos outros” (João 13, 34). No movimento dos Focolares, do qual faço parte, a regra das regras é “o antes de tudo a mútua e contínua caridade” que Chiara definiu como sendo “a norma das normas, a premissa de qualquer outra regra”<sup>2</sup>.

Amar não é coisa fácil, sobretudo quando surgem cenários de conflitos onde os interlocutores passam a ser vistos como sendo seres hostis. Assim, quando surge tal cenário, amar se torna algo hercúleo, quase impossível mesmo. Em tais casos, o máximo que se consegue é não odiar tanto, manter sorrisos forçados, mas amor mesmo é muito difícil em cenários de guerra cotidiana. A meditação ajudou nisso, a ver os cenários sendo montados pela mente. Sem montagem de cenários de guerra, é possível amar como quem toma um chá com alguém. Ou seja, o problema do não querer amar não está no não querer amar, mas no olhar como estou olhando. Se olho de um jeito, amo. Se olho de outro jeito, nem com banda de música vou amar. O modo de olhar, de montar cenário condiciona o modo de pensar, sentir, agir. Se monto cenário hostil, vou brigar; se desmonto o cenário hostil, posso amar sem tanto esforço. E isso estou aprendendo a ver com a ajuda dessa meditação que olha o que aparece.

Em março de 2020, como medida para se evitar o contágio na situação de pandemia na qual ainda estamos (maio de 2021), muitos entramos em retiro forçado. Bem, já que era para ficar em casa, aproveitei para entrar em retiro doméstico mesmo. Amor recíproco em casa, escolha dos alimentos, varrer casa, meditação, oração, caminhada num campinho quando não havia ninguém, colóquios via computador com os amigos focolarinos e com os amigos budistas. Nesse ano de retiro doméstico, numa dada manhã apareceu, durante a meditação, uma expressão que eu já conhecia, mas de um ponto de vista mais que tudo intelectual-especulativo, a expressão “agir agápico” (ARAÚJO, 2009), da socióloga

---

<sup>2</sup> Movimentos dos Focolares. Organização. Disponível em: [Organização | Movimento dos Focolares](#). Acesso em 28/04/2021.

brasileira focolarina Vera Araújo. Entretanto, tal expressão que antes aparecia só de vez em quando e girava pela cabeça como se fosse uma borboleta bonita, mas distante, apareceu de novo, com vitalidade substancial, e ficou.

“Se existe um agir agápico”, pensei, “é porque existe um Lugar agápico de onde se pode olhar-agir agapicamente”. A expressão Lugar agápico, que indicava um pouco o Lugar que, num certo sentido, frequentamos na meditação que olha, apareceu como Lugar Real de onde emerge o olhar-agir agápico e, assim, a expressão “agir agápico” saiu do âmbito dos conceitos correndo para o âmbito da realidade vital: somos seres agápicos de um Lugar agápico que olham-agem agapicamente quando, também por meio da ajuda da meditação, mudam-se cotidianamente do lugar da confusão para o Lugar Amor procurando permanecer por ali também depois de levantar da almofada de meditação. Lugar onde se é coletivamente (Uno), com especificidades que decorrem do Uno, sem soma, multiplicação e muito menos divisão e subtração.

## Capítulo 1 – Discípulos da vacuidade

---

No movimento dos Foculares procuramos viver cotidianamente por um mundo unido. Unidade num contexto geralmente classificado como sendo de hostilidade, mas será que tal visão de hostilidade nas relações locais e internacionais é dado de fato, ou uma construção paradigmática herdada e reproduzida como se fosse obrigatória? E unidade seria algo que já é, e a descobrimos como algo já sendo, apenas permitindo que se manifeste, ou seria construída, fabricada pelo nosso trabalho coletivo pela unidade?

A Unidade é ontológica (ser coletivo) e se manifesta na finitude do existir. Com isso não estamos falando mal do existir finito, que é lindo. Estamos apenas não identificando o que chamamos de vida com o existir, mas com o ser que se manifesta também nesse modo de existir que costumamos chamar de vida, entendida como estar vivos enquanto corpo, que também é lindo, mesmo sendo caracterizado pela finitude, o que não é um seu defeito, mas uma sua característica. E vou tentar manifestar essa percepção com a ajuda da Tia Diná.

### **Antes de existir já somos**

Tia Diná morava perto da casa da Tia Teresa e Tio Adir, em Piratini (RS). Casada com Tio Jadir, mãe de Paulo Fernando, o Dedanti, como o primo era conhecido, fazia rim de ovelha com batatas, e eu gostava muito. Quando ia passear em Piratini, pois morava em Pelotas, às vezes passava pela casa dela aí pelas 10h00 da manhã e ela me convidava para almoçar: “Fica para o almoço querido, vou fazer rim com batatas”. O horário que eu escolhia para passar lá era estratégico e a resposta de amor dela não falhava nunca.

Vários parentes, amigos, amigas de Piratini já faleceram. Se o ser coincidissem com o existir, eles não existiriam nem seriam mais. Se o ser não coincidir com o existir, eles não existem mais, mas continuam sendo. Nesse sentido, se o ser não coincide com o existir, mesmo se manifestando no existir, eles já seriam antes de existir, assim como continuam sendo depois de existir.

Bem, Tia Diná não morreu. Ela faleceu enquanto existir, mas Tia Diná não faleceu enquanto ser que se manifestou no existir. As provas disso estão nas bibliotecas florestais dos povos originários, para os quais o ser não morre, e nas percepções que surgem nos encontros com a vacuidade num tapetinho e almofada de meditação silenciosa. Se o ser já é antes do existir, como é esse ser que se manifesta no existir e que continua sendo depois do existir?

### **Características do ser que se manifesta no existir**

O existir é maravilhoso. O problema do existir não está no existir, mas num certo modo hostil e materialista de olhar o existir reduzido ao existir. O corpo de todos os seres no existir também é maravilhoso. O som de todos os corpos é maravilhoso. Os lugares são maravilhosos. Os cheiros e sabores são maravilhosos. Há um modo de existir no existir que é complicado, fundado numa visão centrada no lucro, na ganância, na separação e divisão, mas o existir em si é maravilhoso, uma bênção apesar de existir esse modo complicado de existir no existir. Buda, depois do despertar, continuou sendo no existir (SMITH, 2011). Não é que deixou o existir após despertar para o ser que se é no existir. Mesmo se nesse existir temos esse modo complicado de existir, modo problema de existir, é nesse mesmo existir que podemos ter também um modo lúcido e compassivo, benéfico de existir, como modo de ser no existir. O cheiro do alecrim é maravilhoso e manifesta a beleza e perfume do ser coletivo alecrim que se manifesta também no existir alecrim. A beleza das flores, peixes, aves é manifestação no existir da beleza permanente dos seres coletivos que são no lugar onde os seres sempre são. Além disso, é no existir que podemos perceber que somos. Então o existir é uma grande chance, uma grande ocasião a não ser desperdiçada. Nesse sentido, não nascemos, no sentido de aparecer do nada, mas surgimos, no sentido que o que já somos desde tempos sem tempos se manifesta no existir, e continuamos sendo com a cessação do existir.

E tal ser não é um conceito, ou um espírito separado, ou uma alma individual a ser salva. O ser que somos é um lugar-amplo, um ser-lugar-amplo-coletivo. Lugar sem forma antropomórfica, sem início nem fim, lugar vivo que vai aparecendo, surpreendendo, encantando. Lugar simples, sem foguetes nem glorificações.

Não temos nenhuma pretensão de “provar” cientificamente o que estamos afirmando, pois, essas páginas não são científicas no sentido positivista, burguês ou socialista (positivismo soviético) de ciência como modo de pensar que faz coincidir o surgimento do ser com o existir e a cessação do ser junto com o fim do existir. Não são científicas no sentido materialista colonialista de ciência que exclui o modo de pensar amplo dos povos originários (de todos os continentes), que eram e são abertos ao ser coletivo no existir, em vez de serem comandados por um paradigma restrito que não acredita no ser, mas crê e presta devoção ao lucro enquanto sacrifica o planeta no altar da devoção letal ao deus laico chamado “progresso econômico”.

### **Tempo sem tempo**

O ser que somos é do tempo sem tempo, que podemos simplificar com a palavra kairós, e o existir é do tempo com tempo, que podemos simplificar com a palavra cronos (cronologia). O existir é um lugar privilegiado como lugar da descoberta do que somos e um lugar apreciado pois tudo o que aparece no existir é manifestação da beleza-luminosa do lugar-ser onde somos sempre. Dado que o ser que somos é Uno, onde as especificidades são manifestações da unidade, o problema principal do existir é nos vermos como separados. Assim, pela fricção entre o que somos (Uno) e o que não somos, mas pensamos ser (seres separados), sofremos. Nos alegramos na unidade e na reconciliação justamente porque quando nos reconciliamos nos reencontramos com o que somos (Uno). O sofrimento está na visão de separação que considera o outro como adversário, ou concorrente com o qual competir. Sempre que se diz a minha pátria, a minha família, a minha religião, o meu partido, o meu time de futebol, estamos produzindo algum tipo de sofrimento pelo engajamento de nossa mente e energia em formas fortes (guerras) ou brandas (campeonatos esportivos) de engajamento em visões de separação. Ao contrário, sempre que adotarmos visões de colaboração, cooperação entre todos os seres estamos sendo sem fricção de separação (sofrimento) aquilo que já somos (ontologia una e compassiva). Nesse sentido, quando nos amamos gratuitamente (serviço recíproco), diferente do “amor” vinculado ao gosto não gosto (simpatia, antipatia), a unidade compassiva não desce do céu sobre nós, mas aparece, surge



“de baixo”, da unidade na base do ser que somos. Com o amor recíproco gratuito, desinteressado não recebemos a unidade como presente externo fabricado, apenas permitimos que aquilo que já é se manifeste. Como o fogo que surge de baixo na boca de um vulcão, unidade ôntica, compassiva transborda do ser no existir, não sendo fabricada no existir.

O ser que se manifesta no existir é, portanto, um ser-lugar-Uno, lícido, compassivo, um ser sem forma, vazio vivo que aparece no existir.

O Senhor Buda destacou resumidamente que “forma é vazio, vazio é forma” (Prajnaparamita). Em menos de uma linha explicou sobre esse vazio vivo, luminoso, lícido, compassivo, gentil que ele viu. Com poucas palavras, que foram transformadas em canção pelo Gen Rosso, conjunto musical do movimento dos Focolares, Chiara Lubich também manifestou essa realidade viva que é, que ela viu e com o qual, assim como o Senhor Buda, também se encantou:

Há uma lei que brilha e vive sempre sobre cada coisa, astros estrelas movem no céu num concerto de harmonia, e sobre a terra cantam em cores da natureza cantam em cores e flores. O dia se desfaz vem a noite por amor, a noite se despede do dia por amor, as águas do mar vão pro céu por amor, e as águas do céu chovem no mar por amor. As folhas secas caem na terra por amor. A terra germina nas folhas por amor. O grão cai na terra e morre por amor. Do chão da morte fria renasce toda vida por amor.

Aquilo que vemos é manifestação daquilo que não vemos. Aquilo que não vemos se manifesta naquilo que vemos. Aquilo que não vemos e que se manifesta no que vemos é reciprocidade compassiva, viva, luminosa, lícida, bonita. Aquilo que nos faz exclamar “Ah...” no existir, do cheiro do alecrim ao ato de amor-serviço de um ser para outro ser, da beleza das plantas e peixes ao almoço de amor feito pela Tia Diná, são manifestações visíveis do lugar-luminosidade-reciprocidade-compassiva onde somos.

Nesse sentido, sendo sociólogo de profissão, penso que seja muito difícil fazer uma sociologia desse Lugar a partir da matriz epistemológica da sociologia tradicional, dado que tal sociologia tradicional é duplamente excludente: exclui os seres não-humanos de suas reflexões substanciais (e no Lugar todos os seres são) no momento em que os olha de forma utilitária, instrumental (carne, leite, couro); e exclui a realidade que não vemos em nome da realidade que pensamos que seja

sólida, um modo de pensar radicalmente oposto ao modo de pensar dos povos primordiais (indígenas de todos os continentes), epistemologicamente abertos ao não visto que percebem no visto e de onde emergem formas compassivas, em vez de formas destruidoras, coloniais de relação com os outros seres no existir compartilhado.

Então, para olhar esse lugar que não vemos precisaríamos de uma disciplina que não fosse antropocêntrica e que não tratasse com desdém e como superstição o modo respeitoso de olhar e pensar dos povos primordiais (sua cosmovisão). Precisaríamos de uma matriz epistêmica diferente da matriz epistêmica da sociologia tradicional, burguesa ou socialista, que é excludente, ou seja, constitutivamente violenta em relação aos seres não-humanos e em relação ao modo amplo de pensar dos povos originários e ambiente natural. Uma sociologia que superasse o viés epistêmico colonialista da sociologia tradicional (eurocêntrica), a ser aprendida a partir dos ensinamentos dos povos primordiais que são sábios mesmo não tendo as enormes bibliotecas dos colonizadores, sábios no contexto dos ensinamentos de suas bibliotecas vivas na vitalidade também epistêmica das florestas.

### **O despertar ao ser no existir**

O ser-lugar coletivo se manifesta no existir, apreciando o existir sem, porém, se identificar com o existir e com a visão de separatividade entre os seres que caracteriza um certo modo de existir no existir, com separações de terra, pátrias, religiões, praticando disputa, concorrência, competitividade, sectarismo, separação e dominação de classes, separação e dominação de raças, separação e dominação de gênero, guerras a partir de separações em pátrias e Estados, separação, dominação e destruição do ambiente (terra, água, ar, florestas, mares, rios) e dos seres humanos e não-humanos desses ambientes.

Entretanto, é nesse mesmo existir com um modo de existir complicado que se movimenta também a roda do despertar ao ser que somos. Nesse mesmo existir onde se formam templos da concorrência, separação, com os altares da pátria, dos partidos, dos grupos religiosos sectários, surgem também lugares dedicados ao

despertar prático ao amor, comunidades voltadas à familiarização cotidiana com o Lugar-ser compassivo com a prática da colaboração, cooperação no contexto do reconhecimento da interdependência vital no existir entre todos os seres do Lugar-ser que é de antes, durante de depois do existir.

Então o existir é uma grande chance, grande ocasião para o despertar e praticar o modo de vida sem separação, sem fricção do Lugar-ser compassivo que somos. Buda despertou no existir. Francisco de Assis despertou no existir. Nós também vamos descobrindo que somos de natureza boa, crística, búdica para alguém dos obscurecimentos mentais que oprimem (sofrimento), mas não maculam o ser que somos.

Assim, a descoberta do que somos não é uma questão intelectual exótica, mas uma questão vital, pois a felicidade está nessa reciprocidade ontológica compassiva, e não na confusão da separatividade. A visão e prática de separação é tão comum que é chamada de normal, institucional e, assim, é ensinada como se fosse sinônimo de vida. Entretanto a coercitividade silenciosa do normal-institucional é contestada de vez em quando. Buda contestou esse normal. Jesus também. Francisco de Assis e tantas outras e outros que despertaram no existir também contestaram indiretamente esse normal-institucional do calendário fabricado de dias, obrigações, sensações que é tratado como se fosse sinônimo de vida. Tal padrão, porém, mesmo quando institucional, ensinado em famílias, escolas e universidades como sendo o modo normal obrigatório de existir no existir, mesmo sendo geral e antigo, não é natural, mas artificial, fabricado.

### **Ser do existir e ser no existir**

A montagem da crença no existir como sinônimo de vida começa bem cedo, exceto para quem surge em algum lugar com mestras e mestres do despertar e, assim, recebem uma informação mais ampla sobre a vida em vez de receberem uma visão que reduz a vida ao existir.

No âmbito da educação que ensina que a vida se reduz ao existir, nas escolas a criança aprende que não é nem no existir. Ela vai precisar crescer para ser no existir, vai precisar ser uma profissão e classe social de preferência rica para ser

algo no existir. Vai aprender que precisa ser tarefas, profissões, personas, no sentido de máscaras teatrais de interpretação de papéis e funções sociais.

No colégio, pode ser que tenhamos participado de algum debate sobre a superioridade do ser em relação ao ter, algo como “o importante não é valorizar o ter um carro, uma roupa de marca, mas ser uma pessoa boa, uma pessoa melhor”. Ora, esse tipo de ser certamente é legal, mas não é o ser que somos e descobrimos que somos (despertar do ser para o ser). O ser do existir é uma rotulagem interna de bondade e religiosidade, rotulagem interna de santidade, ou seja, rotulagem como separatividade onde está também contida a disputa para ser mais do que o outro, algo bem parecido com o ter mais que o outro, só que em vez de se ter um carro a mais do que o outro, o que se disputa é o ser, por exemplo, mais santo, mais ético do que o outro. Em suma, a disputa do ser mais do que outro fica no mesmo eixo concorrencial e fabricado do ter mais do que o outro, só que dourando a pílula da concorrência com um verniz de bondade fabricada. Essa disputa pelo ser mais religioso, mais puro foi bastante contestada por Jesus, apesar de continuar viva e forte também no âmbito de lugares institucionais rotulados de cristãos, onde as medalhas do reconhecimento público do “ser mais” continuam disputadas entre clérigos, leigos, pastores. O ser mais (laico ou religioso) exige muito esforço (estresse) para ser o melhor, o mais santo, o melhor profissional, o paroquiano exemplar. E manter tais conquistas também exige muito esforço. O ser do Lugar-ser compassivo, ao contrário, não é uma conquista, não é um ser fabricado, mas a descoberta de algo que já está ali esperando para poder ser o que já se é.

### **Discípulos da vacuidade**

“Forma é vazio, vazio é forma” (Prajnaparamita). Percebendo que o que parecia ser, não é, e que o que parecia não ser, é, vamos mudando de lugar-olhar e essa é uma boa mudança com consequências benéficas para todos no existir.

Descobrimos a vacuidade viva, luminosa, lúcida, bonita, compassiva nos tornamos discípulos da vacuidade no existir, discípulos do vazio vivo. Podemos assim transitar no existir com mais lucidez e compaixão. Entretanto, os discípulos da vacuidade não são melhores que os seres com os quais atuam juntos em prol de

todos os seres, com ações compartilhadas de inclusão com a opção pela não-violência no âmbito objetivo (não usar armas) e subjetivo (não odiar); ações em defesa dos outros animais, florestas, rios, mares ameaçados pelo paradigma econômico (lucro); ações para a superação da fome e miséria. Os discípulos da vacuidade destacam, porém, que não se trata de corrigir o existir, com uma espécie de revolução que fosse capaz de transformar o existir impermanente naquilo que ele não é nem poderá ser. Os discípulos da vacuidade, cristãos, budistas e de outras tradições, se movem no que passa com o olhar e a energia sustentados no que não passa, o Lugar-se coletivo bonito, lícido, vivo, luminoso, compassivo. O nome desse lugar sem nome varia de tradição para tradição. No capítulo 03 desse nosso texto vamos chamar esse lugar de vacuidade agápica, lugar da reciprocidade agápica, Lugar lícido e compassivo que é desde sempre o Lugar que é o nosso lugar e de onde nos movemos em ações benéficas de inclusão no existir em benefício de todos os seres, não somente os seres humanos.

A seguir compartilharemos algumas informações sobre o autor dessas páginas com o propósito não de glorificar o autor, mas de enaltecer o método encontrado pelo autor em contato com alguns dos mestres e mestras por meio dos quais começou a perceber que há esse Lugar que pode ser percebido no existir, que não coincide com o existir e que torna muito melhor o existir no existir, apesar da variação entre felicidade e infelicidade, sucesso e fracasso que caracteriza o modo usual de existir no existir.



## Capítulo 2 – Encontros com a vacuidade

---

### **Canguçu**

Morávamos em Pelotas e nasci em Piratini porque minha mãe, sendo de Piratini, foi para a capital farroupilha para que eu nascesse onde, penso, ela teria mais gente para ajudá-la. Digo penso porque nunca perguntei a ela sobre os detalhes disso. De qualquer forma, depois de alguns anos em Pelotas mudámos para Canguçu e fomos morar na casa de meus avós paternos. E foi em Canguçu que comecei a tomar consciência de mim mesmo, do lugar onde vivia e com quem vivia.

A casa de meu avô era grande e bem no centro da cidade, e o que mais lembro dela com forte sensação de liberdade e comoção era do pátio, cheio de árvores que, infelizmente não existe mais, pois ali foi construído um prédio onde antes havia beleza natural. O que chamam de progresso mostrando a cara.

Meu avô foi prefeito por três mandatos, o último pelo glorioso PTB. Jango e Brizola frequentavam sua casa. E meu pai era o delegado de polícia. Assim, quando vinha um circo, eu sentava no camarote das autoridades. O bom é que não tinha interrupção na visão. O ruim é que mágicos e palhaços sempre me pegavam como cobaia para tirar ovos da minha orelha.

Um outro pátio que muito amei em Canguçu foi o da casa do Tio José e Tia Yonne. Realmente enorme. Ali a gente tomava banho de sanga, até que um dia fomos avisados que estava proibido o banho de sanga porque tinham jogado a descarga de um esgoto na sanga, o tal de progresso.

### **Bar do Lito**

O Bar do Lito ficava no centro da cidade. Uma vez vi algumas prostitutas lá no bar. Mais tarde, elas foram para a esquina da praça central, não para trabalhar, mas para passear. Passei por ali com alguns amigos mais velhos do que eu. Penso que deveria ter uns 05 ou 06 anos. Uma delas, bem jovem, cabelos compridos e saia, olhou para mim carinhosamente, pegou-me no colo, abraçou-me e me deu um beijo no rosto. Foi um colo muito bom. Notei perplexidade no olhar desses amigos

mais velhos. Acho que gostariam de estar ali onde eu estava. Desci do colo e ela continuou me olhando com carinho enquanto me soltava.

## **Morte**

Estava no pátio do Tio José quando alguém me disse: “Teu avô morreu”. Fiquei paralisado. Não sabia o que era aquilo nem ninguém me explicou. A morte chegava e ninguém sabia o que era aquilo. Tudo ficava paralisado por uns tempos, depois descongelava e a gente voltava a se movimentar.

## **Novelas com a mãe**

Mudamos para Pelotas quando estava no segundo ano do colégio, com 08 anos. Na Rua Professor Araújo, onde moramos por um tempo, tudo girava ao redor da máquina de costura da mãe, onde ela passava o dia trabalhando. Era muito bom ter a mãe sempre por perto, sempre em casa. Era uma âncora, um lugar-âncora. A gente chamava ela de sargentão, pois mandava sempre, mesmo se nem sempre a gente obedecia. Na meditação usamos a expressão âncora, ancorar-se na respiração. Respiração âncora, mãe ancora, lugares de refúgio.

Com a mãe e, às vezes, também com o pai, víamos à noite algumas novelas muito loucas, fora do padrão e isso me tocou muito. Saramandaia e O Bem-Amado. Vimos também Gabriela. Esse fora do padrão em pequenas doses diárias era mesmo uma experiência de liberdade em relação ao nosso estilo cotidiano vinculado a padrões. Vimos também O Espigão, onde aparecia aquele mesmo progresso que tinha destruído o pátio da casa dos meus avós e a sanga no pátio da casa do Tio José e Tia Yonne. Pecado Capital mostrava a força da ganância também em forma de dinheiro. Então as novelas eram interessantes naquele período pelo que via e pelo aconchego diário com a mãe na hora da novela (o pai fazia plantão na polícia e nem sempre estava).

## **Vazio triste**

Um dia, na adolescência, o tédio chegou e ficou. Em casa estava tudo normal. O pai que, às vezes, tomava uns tragos, estava bem. Então estava bem, mas estava mal, entediado com o estar bem e essa variação entre estar bem e estar menos bem. Fui com a família para o campo, na beira de um rio entre Canguçu e Encruzilhada. A família toda numa boa. Sem problemas, mas o tédio foi junto para o campo e, onde antes via diversão, agora parecia de ler piada sem graça de revista de consultório médico. Tudo sem graça, meio sem gosto, sem sabor. Tudo normal, padrão. Não havia nem problemas que pudessem servir para que eu dissesse que a culpa era dos problemas. Conversei com uma amiga sobre isso e nada. Acostumei com o tédio e fui estudando, fazendo as coisas que tinha para fazer com a animação de quem dança no baile com a tia.

## **Evangelhos**

Terceiro ano do científico e precisaria escolher a faculdade para prestar vestibular no fim do ano. Entre tédio e dúvida, ainda não sabia o que queria fazer depois do científico.

Bem, aqui surge aquele momento no qual parece que está por acontecer o relato de algo milagroso preparado pela narrativa anterior da radicalização do tédio. Não sei se foi milagroso, mas foi diferente. Numa tarde de abril de 1980, com 17 anos de idade, na cidade de Pelotas, estava ouvindo música quando faltou luz e fui pegar algo para ler. Peguei um daqueles evangelhos que os Gideões Internacionais doavam todos os anos em nosso colégio. Estudava no Gonzaga, um colégio católico, mas quem doava os evangelhos eram os Gideões. Havia feito a primeira comunhão, mas fiquei em situação de expulso das aulas de religião por um certo tempo. Fazia perguntas que eram consideradas bobas, impertinentes e talvez de fato o fossem, mesmo se mais no modo do que no conteúdo. Eu guardava os evangelhos dos Gideões, deveria ter uns três ou quatro, mas não os lia. Naquela tarde de abril, comecei a ler um desses evangelhos por volta das 15h00 e às 23h00 continuava ainda a leitura. Em uma semana li os 04 evangelhos, Mateus, Marcos, Lucas e João. O que ficou daquela leitura foi uma sensação de espaço largo. Comecei a olhar para o céu estrelado à noite com essa sensação de espaço amplo que surgiu após essa leitura e permaneceu. Do ponto de vista intelectual, o que

ficou foi uma boa imagem da figura de Jesus, que não ficava preso em templos, mas se movia pelas ruas com humildade. Mas não era um humilde passivo, era um humilde ativo, meio subversivo, contestador mesmo. Então esse foi o resumo que ficou. Jesus um cara legal e sensação de espaço amplo, como se algo tivesse se soltado dentro de mim e esse espaço que começou a se liberar em mim fosse meio semelhante ao espaço amplo do céu numa noite estrelada. De fato, passei a olhar constantemente para o céu nas noites estreladas. E essa abertura ao espaço amplo não mais se fechou.

Depois disso, em vez de continuar polemizando e brigando com as colegas católicas de aula, passei a puxar conversa “séria” com elas. No início elas se afastavam de mim pois pensavam que fosse outra estratégia minha de zombaria em relação à religião, mas uma delas me ouviu um dia e acolheu com carinho essa minha repentina mudança de olhar e interesse. Assim fui me aproximando do catolicismo por meio do diálogo com amigas católicas que também estudavam no colégio Gonzaga. De amiga em amiga, conheci uma que me convidou para uma reunião do grupo de jovens de sua paróquia. Fui e não gostei. O pessoal acendeu uma luz verde atrás de um enorme crucifixo e começaram a fazer relatos trágicos de vida entre choros e orações. Achei aquilo meio ridículo. Percebi também que estavam ali como pares de namorados o que me fez pensar em um grupo religioso de namoros. Então fui uma vez e não voltei. Em casa, minha irmã Flávia resumiu minha situação com poucas palavras: “Você é um cristão avulso”. Um cristão avulso que achava Jesus um cara legal e percebia a presença do Jesus dos evangelhos como espaço amplo. Entretanto, o velho tédio tinha ido embora. Voltava só de vez em quando, mas como quem visita, como turista, não como residente fixo.

## **Movimento Gen**

A Rita era minha colega de aula fazia anos. Católica focolarina, fazia parte do Movimento Gen, sigla de Geração Nova, setor juvenil do movimento dos Focolares, um movimento fundado pela católica italiana Chiara Lubich que contava, porém, com pessoas de outras denominações cristãs, outras religiões e, também, com pessoas sem-religião. Talvez tenha sido perceber a amplidão do movimento que me fez gostar de uma Jornada Gen que ocorreu num domingo na PUC de Porto Alegre

no primeiro semestre de 1980. Aceitei o convite para tal viagem a Porto Alegre somente quando soube que era o “movimento da Rita”, uma católica que não me parecia ver o cristianismo como um lugar para buscar namorado religioso.

No ônibus que saiu bem cedo de Pelotas para a jornada Gen em Porto Alegre, um colega de aula que foi comigo fez o seguinte comentário: “Fábio, de social aqui só eu e tu”, o que mostra a rotulagem pequeno-burguesa na qual eu me movia. Com minhas roupinhas bonitinhas fui para Porto Alegre e foi muito bom. Músicas boas, sem aquele viés carola das músicas das quais zombava nas aulas de religião. Na volta de Porto Alegre, um Gen que estudava Medicina em Pelotas me ouviu durante muito tempo. Conteí sobre a leitura dos evangelhos e outras coisas. E ele só ouvia, não falava muito.

Em Pelotas, me convidaram para a minha primeira reunião na sede Gen da cidade, um porão na casa da dona Suzana. Na verdade, dois porões amplos. De um lado, os Gen, do outro, as Gen, pois as reuniões não eram mistas, mas distintas. Se usava a expressão parte masculina e parte feminina no movimento dos Focolares e também no movimento Gen. Então tinha essa separação entre rapazes e moças. Logo na primeira reunião, um rapaz passou longo tempo criticando isso no nosso lado do porão. Enquanto ele criticava e o Ladeira (um Gen) tentava explicar os motivos da separação, eu só me alegrava sem falar nada pensando ser melhor assim em vez de fazer reunião de busca de namoro camuflada com religião.

Em suma, quanto mais conhecia os Gen mais gostava da sensação de espaço amplo que percebia nessas nossas relações. A palavra-chave era comunhão. Comunhão de vida, de bens. Numa reunião o Luiz Gonzaga (um Gen) fez um relato de como praticava a comunhão de bens com os outros Gen e aquilo me tocou muito. “Assim como os primeiros cristãos faziam comunhão de bens, também nós o fazemos para que não existam Gen pobres ou ricos, mas Gen em comunhão”, comentou Luiz. Cheguei em casa, juntei roupas e livros e coloquei em comum na sede Gen.

## **A Polis**

Algumas semanas depois dessa experiência da leitura dos evangelhos e de começar a participar dos encontros Gen no nosso lado masculino do porão da casa da Dona Suzana, Suzanex como carinhosamente era chamada por nós Gen masculinos, fui passar um feriadão em Piratini, uma cidade que era como uma alegre colônia de férias para os que não morávamos lá, mas passávamos férias e feriados nas casas dos parentes da “terrinha”, como chamávamos Piratini.

Ficava com os primos Ico e Alemão, na casa da tia Nara e tio Zezé, ou na casa do tio Jorge e tia Teresinha, ou na casa da tia Teresa e tio Adir. Na casa do tio Zezé tinha sempre um bom doce. Lembro de quando ele nos mandava comprar picolé e privilegiava a abundância, dois ou três para cada um, muito picolé de goiaba da Kibon quando ela ainda tinha o K como símbolo. Perto da casa do tio Zezé havia a farmácia do meu querido padrinho, Dorvalino Lessa, um homem que era sorriso, carinho e determinação, e minha querida madrinha Maria Cândida.

Quando não ficava no tio Zezé, ficava no tio Jorge, mais liberal. Ali a gente tomava cerveja sem problemas. Além disso, ele não nos proibia de mergulhar no lagoão, que era a parte funda do Paço, o balneário da cidade. E tinha também a casa da Tia Teresa que, além de liberal era também mão aberta e patrocinava monetariamente as férias dando nota de 50 para compras de 08 e deixando a gente ficar com o troco. A geladeira da casa dela estava sempre cheia e não havia restrições para comer o que se quisesse entre gente de dentro e de fora da casa. Em todas as casas de todos os tios e tias a gente comia muito bem e sempre tinha alguma festa na casa de um ou de outro. Quando ainda viva e viúva, vó Cristina morava com tia Teresa, e fazia uns pães e rosquinhas inigualáveis. Então Piratini era uma festa cotidiana para nós nas casas desse tios e tias, muitos deles já falecidos.

Depois de começar a participar do movimento Gen, meus tios de Piratini realizaram a tarefa de testar minha fé, brincando comigo com perguntas do tipo: “Então quer dizer que agora você está dando dinheiro para os padres?”. E foi a partir de Piratini que descobri a política no sentido amplo do termo.

Numa tarde de sábado fui fazer uma pescaria com um amigo. Antes de partir para o rio, porém, ele parou o carro numa rua pobre da cidade, abriu o porta-malas e deixou numa casa duas ou três caixas de mantimentos para uma

família. Ajudei a descarregar as caixas, comecei a conversar com o casal. Ele trabalhava muito, 14 horas por dia e ganhava muito pouco. Não fui pescar. Fiquei toda a tarde ali conversando com esse casal de trabalhadores pobres. E aquilo foi como abrir um outro espaço mental amplo que não conhecia. “Filhote da ditadura”, como diria o Brizola, nasci em 1963 e só fui descobrir as injustiças sociais em 1980, com 17 anos na cronologia da existência.

Saí daquela casa carregando comigo os olhos daqueles trabalhadores que se juntaram aos meus tradicionais olhos pequeno-burgueses, e foram mostrando coisas que antes eu não via, mesmo se estavam ali caindo de maduro.

De volta a Pelotas, no colégio Gonzaga, comecei a olhar as relações com meus colegas de aula com os olhos do casal de trabalhadores que conheci em Piratini. Em vez de me inscrever no vestibular para Oceanologia em Rio Grande, como havia pensado, me inscrevi no vestibular para Direito. Comecei a estudar história para tentar entender os motivos das divisões entre ricos e pobres. Em Piratini, junto com uma amiga, organizamos uma campanha de doações para os pobres da cidade. Conseguimos um caminhão emprestado, passamos pelas ruas recolhendo e, depois, entregamos para várias famílias pobres.

Passei no vestibular para Direito e, na faculdade, fui logo percebendo que estudar leis não era algo que coincidia muito comigo não. Estudar história, política, filosofia, teologia, pedagogia me agradava e, de fato, passava as tardes na biblioteca da faculdade de educação, ao lado da faculdade de direito, estudando essas matérias.

Numa assembleia lotada de estudantes pedi a palavra e uma minha proposta foi aprovada. Comecei a participar do movimento estudantil. Assim frequentava o movimento Gen e o movimento estudantil.

Meu amigo Ronaldo, um Gen que estudava arquitetura, perguntou se eu não gostaria de assumir um “ministério”, serviço Gen numa vila da cidade, a Vila da Balsa. Aceitei de bom grado e passei anos ajudando na CEB, Comunidade Eclesial de Base da Vila da Balsa como membro do movimento Gen de Pelotas.

O Ronaldo foi a primeira pessoa de onde vi emergir aquela mesma sensação de luz e de espaço amplo que percebi pela leitura dos evangelhos. No final das

missas durante a semana, com pouca gente, na catedral de Pelotas, eu apreciava ficar olhando o Ronaldo rezar. Olhar para ele rezando me botou a rezar também e, assim, a sensação de espaço amplo tinha hora marcada todos os dias, horas marcadas, pois decidi participar diariamente da missa, além de fazer meditação (na modalidade leitura espiritual e reflexão sobre a leitura), fazer a visita eucarística num momento fora do horário da missa, além de rezar o terço do rosário. Então eram mais ou menos duas horas de oração por dia e realmente a oração era frequentar esse espaço amplo. Foi com Ronaldo que fiz meu primeiro colóquio, uma conversa a dois onde contei coisas sobre minha vida, minhas preocupações. Foi a primeira vez que me abri sinceramente com alguém sobre coisas mais pessoais no nível das emoções, sensações, e foi muito bom. Lembro ainda da sensação de estar quase que voando na bicicleta enquanto pedalava de sua casa de retorno para a minha. “Você doou livros para a biblioteca Gen, mas agora doou algo mais profundo, tuas preocupações. Obrigado!”, ele me disse no final da conversa. Até hoje com Ronaldo é a mesma experiência. Não nos vemos frequentemente, mas, quando o encontro, revivo sempre essa sensação de espaço amplo.

### **Seu Nandinho tinha razão**

Na Vila da Balsa pensei em ser padre vendo os padres que atuavam como sacerdotes junto aos pobres. O livro que me ajudou a fazer a síntese entre religião e política foi Batismo de Sangue, do Frei Betto que conhecerei muitos anos depois por ocasião de um livro que escrevi sobre ele. Betto, assim como o Ronaldo, também foi e é para mim como um Lugar vivo do tempo sem tempo que transita agapicamente no tempo cronológico da finitude do existir.

Sobre ser padre, meu pai, seu Nandinho foi quem emitiu a opinião mais acertada: “Esse guri não é do tipo que consegue viver sem uma costela”.

De fato, depois de anos sem namorar, voltei a namorar, e foi com uma menina de São Paulo cujo namoro terminou quando mudei para Roma onde fui fazer mestrado em teologia moral na Academia Alfonsiana. Não terminei o curso de direito. Fiz um ano de filosofia e depois mudei para teologia, concluindo o



bacharelado no Brasil. Em Roma, além do mestrado em teologia moral, fiz bacharelado, mestrado e doutorado em ciências sociais. E em Roma conheci Anna, com quem estou casado há quase três décadas. Fomos nos conhecendo, nos aproximando e, numa festinha na casa da amiga Silvia, após levarmos alguns pratos da sala para a cozinha, nós nos olhamos, nos abraçamos e, até hoje continuamos dentro do calor amplo daquele primeiro abraço na cozinha da casa da amiga romana. No calor desse abraço nasceram duas filhas e Anita, nossa netinha canina.

### **Mais amor na tua justiça**

Num encontro de focolarinos casados nas proximidades de Roma, um amigo focolarino me aconselhou a colocar mais amor na minha justiça e foi um bom conselho que nasceu em um nosso colóquio. Comecei a olhar isso com mais atenção, a examinar essa tendência minha à briga e, enquanto examinava, fazia também orações pedindo para sair dessa tendência à briga. Bem, num dado momento parece que uma tampa de panela explodiu em mim e começaram a sair dali cobras e lagartos, sensações fortes que surgiam independentes de fatos externos. Quando pensava que estava enlouquecendo, Anna, a esposa, dizia que, do ponto de vista dela, eu estava era melhor, mais tranquilo nas relações em casa e com os companheiros de focolare.

Nesse contexto de manifestação radical (pela raiz) de sensações conheci um amigo budista que me ensinou (estou aprendendo) a fazer meditação silenciosa e passei a olhar sem julgar, sem analisar nem arredar essas movimentações que ocorrem nesse dentro-fora, ou fora-dentro com variações entre consolo e aflição.

Dessa forma, nos últimos dois anos praticamente troquei a centralidade da biblioteca pela centralidade cotidiana do tapetinho de meditação e oração como lugar epistemológico, espiritual e político básico de observação e movimentação.

### Capítulo 3 – Vacuidade agápica

---

Quando praticamos a oração do Rosário, podemos visualizar Maria, mas podemos visualizar também a cidade de Maria, Mariápolis. Quando praticamos a oração do Pai Nosso, podemos visualizar o Pai que está nos céus, mas podemos visualizar também os céus do Pai nosso que está nos céus. Podemos visualizar a *Civitate Dei* (obra de Santo Agostinho), a Cidade de Deus, e não apenas o Deus da Cidade de Deus. Então podemos visualizar lugares vivos em nossas orações e meditações. Nos tempos de Agostinho as cidades eram muito rurais, não eram como as cidades industriais, então a *Civitate Dei* é rural-urbana. Deus, no cristianismo, é uma comunidade, Pai, Filho e a Ruah, pneuma em grego e espírito em latim. Pai, Filho e a *Ruah* Santa. A *Civitate Dei* não é lugar de exclusão, mas é inclusão. Não é lugar de subordinação, mas de reciprocidade de amor-serviço, lugar agápico, lugar de relações agápicas (pericórese), lugar pericorético.

Tal lugar é chamado também de paraíso, um país supremo, um país sem muros de divisão nem separação, um país onde a especificidade é manifestação da unidade pericorética. Então não há soma nem divisão nem multiplicação. O paraíso não é para depois da morte, nem é coisa de antes do nascimento. O paraíso não é também uma construção política, como se fosse o resultado de uma reunião política, religiosa ou de trabalho bem-sucedida. “Que bom, hoje fabricamos o paraíso. Parabéns! As medalhas de construtores de paraíso serão enviadas pelo correio”.

Jesus histórico era o paraíso. Quem via Jesus via o paraíso. Jesus antes da encarnação e depois da ressurreição continua sendo paraíso, lugar sem separação, lugar que é, mesmo parecendo não ser. E podemos perceber o paraíso antes da cessação das atividades de corpo pela familiarização cotidiana com esse lugar que já é, sempre foi, sempre será, mesmo parecendo não ser. O paraíso se mostra para nós na familiarização com o vazio, com o lugar vazio (vacuidade), na prática cotidiana da meditação silenciosa. O vazio na meditação é o caminho pelo qual, soltando tudo, soltando as sensações de solidez das formas vamos descansando na vacuidade, que é sacramento (sinal sensível) do Lugar que é, mesmo parecendo

não ser. Um lugar vivo que está aqui, até porque o que chamamos de aqui só existe enquanto manifestação aparente do lugar que sustenta tudo, inclusive as aparências que chamamos de vida na terra. Assim, as árvores são manifestações aparentes do lugar que sustenta as aparências. O mesmo para as flores, para os peixes, para as aves e, também, para nós, seres humanos que não somos assim tão centrais e superiores em relação aos outros seres como estamos acostumados a nos considerar. Nossos corpos também cessam, e a construção de estátuas e nomes de ruas tentando dar prolongamento de vida ao ser humano, não torna o ser humano “famoso” mais ser humano que os seres humanos anônimos (e que morrem anônimos), nem torna o ser humano famoso mais ser vivo que os outros seres vivos como os peixes, as aves, as plantas. A arrogância da supremacia humana em relação aos outros seres vivos é um capítulo na história da supremacia em geral, com a supremacia do humano branco em relação ao humano negro, índio, supremacia do humano homem em relação ao humano mulher, supremacia do humano heterossexual em relação ao humano homossexual, supremacia do humano católico em relação ao humano de outras religiões, com a produção de guerras consideradas em nome de Deus, mas que eram, e são, guerras de supremacia de humanos com religião X contra humanos com religião Y, guerras de supremacia de humanos de pátria e famílias X contra humanos de pátrias e famílias Y. Jesus, que era e é o paraíso, explicou que o país supremo, o paraíso, não é lugar de separação, mas de reciprocidade agápica. Explicou que o Pai está a serviço, não quer sacrifícios religiosos, políticos ou econômicos, mas amor-serviço e, por isso, mesmo sendo paraíso, Jesus foi condenado e assassinado pelas autoridades religiosas de seu tempo. Entretanto ele não reagiu, não resistiu porque sabia que o paraíso (onde Ele é) é indestrutível. De fato, não morreu. Jesus era e é o paraíso e quem com ele conviveu viu o paraíso, exceto os que estavam vendo sem olhar, com o olhar preso a crenças segundo as quais a forma seria sólida, real. Ou seja, quem achava que o que estavam vendo era real, não conseguiam ver Jesus-Paraíso. A ilusão de realidade não permitiu que vissem uma realidade muito mais ampla que a ilusão de realidade. Uma “trave no olho”, como destacou Jesus, impedia a visão e, sem visão, não conseguiam ver o amor. A credulidade no que parecia real favoreceu a incredulidade e, assim, não viram. “Eles têm olhos, mas não estão vendo”. Porque

estavam vendo o que achavam que estavam vendo não viram a realidade ampla, o paraíso circulando entre ruas e estradinhas empoeiradas, o paraíso andante.

Jesus era e é o paraíso e quem viu Jesus viu o paraíso. Quem não viu não o viu porque estava olhando o que achava que estava vendo e deixou de ver a realidade real que de fato estava ali se mostrando para ser vista. Isso acontece sempre. Porque cremos nos enredos e enroscos das tramas que achamos que estamos vendo deixamos de ver a realidade real que está sob a realidade aparente, manifestação da realidade real.

### **Natureza paraíso**

Jesus era o paraíso e nós podemos ver o paraíso porque somos de natureza paraíso e, quando vemos o paraíso a partir de nossa natureza paraíso nos sentimos em casa, no país supremo, na pátria suprema sem divisão nem separação. Somos de natureza paraíso e os obscurecimentos no olhar (“trave” no olho), obscurecimentos mentais não eliminam essa natureza que somos, apenas impedem que ela seja livremente o que é. Assim, o milagre que podemos chamar de conversão, que significa mudança de rota em relação ao rumo de olhar restrito onde antes estávamos, significa tomar consciência (despertar) para o que somos, saindo da ilusão do que pensávamos ser, mas de fato não somos. Por qual motivo uns despertam para a própria natureza verdadeira (natureza paraíso)? Talvez pelas orações que as pessoas que um dia despertaram fizeram para que você também passasse a ver de forma mais ampla em vez de ver de forma restrita. Os motivos desse despertar são misteriosos, mas o despertar é possível e o despertar pode ser despertar mais restrito e despertar mais amplo, realização plena no caminho do olhar o que parece que não é, mas é, em vez de continuar fixado no que parece que é, mas não é.

A palavra Buda significa despertar e está associada à experiência de oftalmologia profunda feita e ensinada pelo príncipe Sidarta Gautama que, insatisfeito com aquilo que intuiu que não era, mesmo parecendo ser, saiu em busca do que é, e encontrou. Buda praticou vários métodos até chegar ao caminho do meio, um caminho de gentileza na prática da libertação longe dos excessos

entre moralismo pessimista e negligência em relação à dedicação cotidiana necessária à libertação, que é, sobretudo, libertação do modo de ver. Buda foi instruído por outros Budas em suas práticas da mesma forma como os agentes de viagens de turismo nos auxiliam em nossas viagens, nesse caso, em relação à viagem ao país supremo que parece não ser, mesmo sendo, e que já está aqui disponível antes da cessação do corpo. Nessa viagem ele foi soltando uma por uma as amarras de mente-energia que o mantinham vinculados ao que não é, mesmo parecendo ser. Nesse caminho gentil do olhar soltando crenças ilusórias no que não é, mesmo parecendo ser, ele começou a perceber o que é, mesmo parecendo não ser. E assim encontrou-se com o que já estava ali, aqui, encontrou-se com a natureza paraíso, ou natureza desperta (búdica) em si e fora de si, descobrindo que não existe essa separação entre o aqui e o ali na qual tanto se crê e se ensina a crer de geração em geração como atividade da ignorância, que não significa ausência de inteligência, mas olhar restrito a um rastro, como fazem os javalis que acreditam no que estão vendo, o próprio rastro e, assim, sem levantar o olhar, não percebem o que existe, mas não estão vendo.

De fato, Buda representou essa visão restrita com o exemplo do javali. Tal visão restrita monta mundos e fundos, monta identidades e as alimenta, as fortalece e as defende com unhas e dentes. Assim se forma o mecanismo da visão restrita da qual dificilmente conseguimos sair, mesmo sendo possível sair disso. Quando Buda atinge a plena libertação oftalmológica ele nem vai conseguir se apresentar como antes se apresentava, dizendo seu nome e sobrenome. Vai se apresentar usando a palavra Buda, desperto, pois havia se desvinculado da crença na própria sensação de alguém (separado) percebendo sua natureza real como natureza de unidade ampla, inclusive com as folhas das árvores que caíam ao seu redor. Buda usava um idioma específico e idiomas são lugares de separação, de países separados. Idiomas são usados por quem despertou, como Buda, sabendo que é uma forma de comunicação da terra inadequada para explicar um Lugar sem forma, sem palavras. Então usam-se idiomas, mas sem crer mais na noção de separação contida nesse meio de comunicação chamado idioma. Há também os idiomas teológicos, que são palavras usadas para explicar um Lugar onde não há palavras. Então pode-se usar um idioma sem se fixar neles, e quando alguém se fixa num idioma, também num idioma teológico de uma religião específica, acaba

trocando a “incerteza” do Lugar sem forma, pela ilusão de certeza na forma contida também nos idiomas teológicos de religiões. Assim, trocando o que é, mesmo parecendo não ser, pelo que não é, mesmo parecendo ser, surgem as guerras de religiões. Quem olhar a partir do lugar de separação, de sectarismo, vai praticar guerras de visões, e chamará de sincretismo as visões de proximidade, onde sincretismo emerge, sobretudo, como manifestação verbal do temor contido na certeza ilusória do sectarismo, com seus discursos dogmáticos carregados de letalidade.

### **Viagem ao paraíso antes da cessação do corpo**

A viagem ao país supremo (paraíso) sem sair do planeta Terra é possível. Muitos a fizeram em várias tradições de prática da vacuidade agápica como sacramento do Lugar. Entre os que a fizeram está também Chiara Lubich, que fez tal viagem sem sair das proximidades de sua cidade de nascimento, junto com suas amigas e amigos de Trento, Itália, conforme podemos ler no livrinho de Fabio Ciardi intitulado Viagem ao Paraíso (São Paulo: Cidade Nova, 2020).

Chiara havia começado a viver uma prática intensa de amor recíproco em 1943 na cidade de Trento e, seis anos depois foi tirar umas férias nas montanhas próximas a Trento junto com amigas e amigos. Calejadas na arte de amar, foram descobrindo que quem ama some, solta, perde, larga apegos e fica somente no vazio vivo do amor recíproco. Naquele julho de 1949, verão europeu, lá estava ela com suas amigas e amigos para curtir um pouco suas amadas montanhas. Foi sem roteiro, sem planos, aliás, seu único plano era amar sem planos, sem apego a planos. Esse amor simples e intenso, recíproco a levou a fazer até mesmo um pacto de unidade com suas amigas e amigos, que foi antecedido pelo pacto de misericórdia que elas colocavam em prática na sua comunidade de Trento, que significa olhar pela manhã cada uma com olhos novos, soltando rotulagens fabricadas pela cultura usual da separação que não colaboram nessa unidade agápica que emerge na prática do amor (serviço) recíproco.

Então esse estar calejadas na arte de amar significava também estar calejadas na arte de olhar, do como olhar, soltando rotulagens e vendo de outro

jeito, de um jeito diferente do modo rotulagem. E como elas viam? Elas viam e se viam como sendo de natureza crística, para aquém dos obscurecimentos mentais provocados pelos condicionamentos da visão com traves (visão limitada ao que parece que é, mas não é). Com esse pacto de olhar de forma diferente, o amor fluía sem interrupções. Descobriram que era possível ver Jesus na outra, ver a outra como sendo de natureza paraíso, o que não significa desprezar a biografia da outra, mas ver até a biografia da outra a partir desse lugar mais amplo e real que é a natureza crística da outra. “Ver Jesus na outra, no outro”, resumia Chiara no seu estilo prático para a prática. Desse modo prático-agápico, sem os freios do enrosco especulativo, chegaram com esse modo de olhar-amar bem exercitado em 1949, como podemos ler no livrinho de Ciardi.

Na sequência do pacto de misericórdia (olhar agápico), feito em Trento, junto com o pacto de amor recíproco (agir agápico), nas montanhas de Trento, naquele julho de 1949 Chiara fez também um pacto de unidade, primeiro com seu amigo Iginio Giordani e, depois, também com suas amigas e amigos de comunidade. E nessa experiência Chiara teve, após uma missa, dificuldades para pronunciar a palavra Jesus, que ela pronunciava nas suas orações. Pronunciou então a palavra Abba, Pai, percebendo que não era ela quem pronunciava, mas Cristo nela. Chiara passou a se mover naqueles dias, junto com suas amigas e amigos, a partir dessa natureza profunda que é a natureza crística e, assim, durante esse período, tiveram uma experiência forte que era, sobretudo, de visão, elas viam coisas que estavam ali, mas que antes não viam. Viam o paraíso e a lei de amor do paraíso se manifestando nas relações entre todos os seres, não somente os seres humanos. Tal experiência coletiva não foi uma pausa, um intervalo, mas a base de continuação da experiência comunitária cotidiana iniciada por Chiara e suas amigas e amigos em 1943. Olhar agápico e agir agápico permitiram que elas percebessem a realidade da reciprocidade agápica que é a realidade que é. Em suma, o paraíso percebido não como uma realidade exótica, distante, mas a realidade que é sempre no pulsar cotidiano de cada fenômeno. A experiência de Chiara e suas amigas e amigos, mais do que emotiva foi intelectual coletiva, mesmo se carregada de emoções agápicas. Chiara e suas amigas viram algo que já estava ali. Não inventaram o paraíso, o contemplaram nas relações entre os seres e os elementos nas montanhas de Trento.

## Natureza agápica

O paraíso não é privilégio de poucos, mas direito de todos os seres. Entre os direitos humanos e direitos de todos os seres (Seridade) bem que poderíamos incluir também o direito ao paraíso antes da “morte”, ou melhor antes da cessação do corpo.

Como podemos fazer para olhar-amar cotidianamente a partir do paraíso e, assim ir descobrindo e vivenciando o paraíso? Superando a crença no que pensamos que estamos vendo, ou seja, superando a crença no que podemos chamar de materialismo implícito cotidiano, um modo de ver, uma epistemologia coletiva antiga, herdada e reproduzida que, mesmo se apresentando como obrigatória (coercitiva), pode ser superada.

O materialismo cotidiano é mais sutil que o materialismo explícito do capitalismo (idolatria do lucro) e consumismo e que o materialismo explícito do ateísmo de tipo soviético. É um modo de ver cotidiano que coincide com o modo de olhar de crentes e ateus que acreditam mais no que acham que estão vendo do que naquilo que não se vê, mas é. Tal materialismo implícito cotidiano funciona como modo de ver caracterizado pela incredulidade (no que é) condicionada pela credulidade no que parece ser. Um modo de ver que não fica do lado de fora de igrejas e templos. Um modo de ver que não consegue ver a natureza crística dos seres a não ser como ato de fé (esforço) porque olha e se move a partir da confusão epistêmica do lugar-olhar condicionado pela visão materialista implícita cotidiana, em vez de olhar e se mover a partir do Lugar-natureza agápica. Mas como fazer para despertar e manter desperto todos os dias o olhar-agir agápico?

Chiara Lubich, num trecho de vídeo publicado em 2018 (*Como obter e manter a presença do Espírito Santo*), explicou alguns detalhes sobre sua prática de meditação, que não consistia apenas em leitura espiritual, mas em prática de silêncio como experiência cotidiana de desapego de si, das próprias sensações, percepções, volições. Em tal trecho de vídeo ela destacou que nesse período de silêncio em sua meditação ela procurava não dar atenção às tantas vozes que se manifestavam dentro dela, mesmo quando tinha a impressão de ouvir vozes santas.



Procurava não dar encaminhamento a nenhuma delas em tal período e, depois, começava a perceber mais claramente que emergia o que ela chamou de “Aquela Voz”, que era a voz que dava sentido e orientava seu dia-a-dia carregado de desafios (LUBICH, 2018).

Ora, se uma mulher com tantas experiências de visões fortes, marcantes, não abandonava nunca sua prática cotidiana de meditação, oração e atenção plena no momento presente, com a prática do que ela chamava de “fazer-se um” (apud ARAÚJO, 2009, p.249), um modo de amar o outro esvaziando-se de si mesmo, isso indica que precisa estar em alerta pois a poeira do olhar materialista pode sempre voltar a cobrir os olhos e impedir o olhar-agir agápico se tais práticas forem abandonadas. Nesse sentido, chama nossa atenção o fato de Buda ter continuado meditando e fazendo retiros mesmo depois do despertar pleno, e chama também nossa atenção que Jesus, sendo Cristo, também se retirava em retiro em vários momentos de sua vida pública.

Sobre o caminho da interiorização como método de encontro com o Lugar-olhar-agir agápico, Teresa d’Ávila, monja carmelita dizia às suas irmãs de convento: “Entrai, entrai em vós mesmas, filhas minhas!” (1981, p.57). E recomendava distensão na meditação em vez de mau humor: “Vamos caminhando com tanto siso, que tudo nos assusta, tudo nos amedronta” (Ibidem, p.64). Teresa usava a expressão Castelo Interior para descrever a complexidade do universo interior no qual se mergulha em meditação e oração. Chiara usou a expressão Castelo Exterior, que não é uma expressão em contradição, mas em relação de colaboração com Castelo Interior. A mesma reciprocidade agápica que se encontra no Castelo Interior transborda e inunda no âmbito do Castelo Exterior. Entretanto, quem pratica meditação silenciosa sabe que no silêncio da meditação o que encontramos é o vazio, o que se encontra é o nada. Assim, a meditação acaba sendo esse exercício de soltar o que parece que é (aparências que surgem como urgências e nos sequestram) para permanecer no que parece que não é. Então na meditação há esse encontro que pode ser assombroso com o vazio, com a vacuidade, um lugar vazio dado que a palavra “vazio” pode nos fazer pensar num conceito (vazio) enquanto que a palavra vacuidade pode nos ajudar a pensar na experiência do vazio como estar num lugar vazio (vacuidade).

Todavia, ocorre que, frequentando cotidianamente tal vazio-vacuidade, percebe-se de estar num lugar vivo, mesmo parecendo não ser. O costume da convivência com as formas pode nos fazer perceber a meditação silenciosa com certo estranhamento, inicialmente, também entre as pessoas religiosas acostumadas com o “ativismo pastoral” em paróquias, movimentos, e com orações digamos, externamente mais movimentadas. A familiarização com a vacuidade, porém é possível se houver certa diligência na prática cotidiana da meditação silenciosa, que acaba sendo uma viagem cotidiana bem surpreendente e movimentada e de onde levantamos, depois, do tapetinho, cadeira ou genuflexório movidos pelo olhar-agir ágape, que não é um amor fundado no “gosto e não gosto”.

O que significa ágape e agir agápico? Em uma de suas várias reflexões sobre o agir agápico, Vera Araújo destacou que *“l’agape è la sostanza primaria di ogni essere umano creato a immagine e somiglianza di Dio che è amore”* (ARAÚJO, 2009, p.246), traduzindo, “o ágape é a substância primária de cada ser humano criado à imagem e semelhança de Deus que é amor”. Vera não usa a expressão pessoa, que pode indicar os papéis desempenhados, mas ser humano, que é algo mais amplo que pessoa enquanto persona, papéis mutáveis desempenhados no teatro cotidiano. Assim, na meditação e oração, no contexto da prática do amor recíproco em nossas comunidades, vamos nos familiarizando com o que somos, com nossa “substância primária” agápica, e tal substância primária é reciprocidade pois o ágape é reciprocidade, relação trinitária, lugar pericorético. Assim, nessa familiarização com o que já somos vamos soltando os condicionamentos dos acidentes secundários, os obscurecimentos, os modos “trave nos olhos” de olhar e agir. No nosso modo de ver, Vera destaca, em suma, que somos belos, belas, somos agápicos, mesmo parecendo acidentalmente feios em determinadas circunstâncias pelos condicionamentos dos obscurecimentos, pela “trave” que não permite que vejamos a realidade profunda sob as aparências transitórias. Frequentando esse lugar agápico onde somos sem separação, de onde viemos e de onde não nos separamos substancialmente, apenas no âmbito accidental, encontramos o que somos e ali encontramos o modo de olhar e agir agápicos que somos. Em Teresa também encontramos um otimismo realista semelhante ao de Vera em relação a nós mesmos, nessa distinção entre substância primária que somos (ágape como modo de ser, olhar, sentir, agir) e acidente (visão restrita, incredulidade,

indisponibilidade ao ágape): “Não nos cansemos tentando descrever a formosura deste castelo (...), com grande dignidade e beleza”, que é “um castelo feito de um só diamante ou de limpíssimo cristal” (1981, p.20 e 19). Certo que na viagem interior que se pratica na meditação silenciosa há o encontro com sensações desagradáveis, há o encontro com sombras, medos, mas são lugares acidentais pois o lugar substancial, a substância primária é agápica. Entretanto, nessas passagens por regiões sombrias não estamos desacompanhados. No livro intitulado *Il Grido* (Roma: Città Nuova, 2000), o grito, Chiara destacou que Cristo amor, na sua experiência de sensação de abandono na cruz, também passou por lugares sombrios deixando ali seu rastro vivo de amor e, assim, o encontro com a dor não se torna freio, mas trampolim fundado na confiança ao escutarmos sua viva voz nessas tempestades nos confortando e encorajando amorosamente: “Coragem, sou eu, não tenhais medo” (Mt 14, 22-33). Então, onde antes parecia de se ver um fantasma, agora se vive um encontro íntimo de amor.

Do ponto de vista budista, é nesse lugar de aparência sombria, com o lodo dos problemas e as lágrimas do sofrimento que brota o talo da flor de lótus, bodicita, uma expressão a meu ver semelhante ou mesmo coincidente com o que chamamos aqui de olhar e agir agápicos a partir dos ensinamentos práticos de Vera Araújo. Dessa forma podemos então entender porque tantas monjas e monges, leigos e leigas budistas e cristãos não perdem seus encontros diários com a meditação silenciosa, às vezes olhando para uma parede branca, levantando de seus tapetes e genuflexórios com o olhar e coração carregados de ágape, de bodicita, palavras diferentes que explicam o mesmo encantamento prático substancial (não acidental) que vemos no sorriso e nos braços em serviço desses monges e monjas, leigos e leigas budistas e cristãos.

### **Centralidade do olhar em relação ao sentir**

O sentir arrasta o olhar ou seria o olhar que condiciona o modo de sentir e agir? Se vemos alguém como sendo hostil, no trânsito, se o vemos como inimigo, dificilmente o amaremos. Entretanto se vemos como estamos vendo aquele motociclista desconhecido que está atrás de nosso carro (meditação do olhar no contexto da condução atenta de um veículo no trânsito) e percebermos que

montamos a imagem dele como figura hostil por termos já montado nossa visão no trânsito como lugar de guerra velada ou não tão velada, podemos, vendo como estamos vendo, não sermos condicionados por olhares automatizados. Assim, vendo como estamos vendo, podemos trocar a reatividade por respostas orientadas pela lucidez e agir agápicos no trânsito. Esse exercício de ver como estamos vendo pode ser feito também nos corredores de supermercados, nas reuniões de trabalho, nas reuniões das comunidades religiosas. Em todos esses lugares podemos tentar ver como estamos vendo. Se montamos cenários mentais de hostilidade-confronto, nos separamos dos outros e os vemos como hostis e, assim, nem com banda de música conseguiremos amar quem está ali contigo. Ao contrário, pela via da identificação do olhar com o qual estamos vendo, e pela identificação do cenário mental que montamos, o agir agápico terá espaço porque foi precedido pelo olhar lúcido. O olhar lúcido-lúdico é o modo de olhar do agir agápico, pois olhar-agir agápicos é o olhar-agir típico do Lugar amplo que frequentamos na meditação silenciosa, oração e na meditação que olha como está olhando no contexto de nossa movimentação pelos lugares que frequentamos com maior ou menor regularidade cotidiana.

Podemos fazer isso partindo do abandono da crença fabricada segundo a qual o sentir comandaria o olhar. O modo de olhar usual se mostra como modo de olhar único e obrigatório e, por isso, comanda o sentir e agir automaticamente, até o momento no qual passamos a dedicar tempo para olhar nosso modo de olhar surgindo nas relações com os fenômenos cotidianos. Olhando o olhar vamos percebendo que ele surge com a velocidade de um raio, que já há olhares prefixados que surgem sem nosso consentimento e vamos vendo que geralmente somos obedientes em relação a esses olhares automáticos que nem vemos surgindo, e com os quais nos identificamos chamando eles de “nossos” modos de olhar. Entretanto, como muitas vezes esses olhares automáticos prefixados causam problemas, sofrimentos, depois temos de ir recolhendo os cacos quebrados, pedindo desculpas pela precipitação pois “não tínhamos entendido bem”. Nos identificamos com esses olhares prefixados, herdados ou reproduzidos, chamando-os de nossos até quando, geralmente pela meditação silenciosa onde olhamos os olhares, vamos soltando essa identificação percebendo que não somos esses olhares prefixados que chamamos de nossos. Nesse momento, a meditação pode se

tornar a hora do riso, a hora da risada, pois parece que descobrimos que estivemos presos durante muito tempo numa “pegadinha” onde acreditamos que o cenário que parecia real na verdade tinha sido montado mentalmente. Na mente há um roteirista-cenógrafo, que trabalha com um acreditador (que legitima o roteiro-cenário, a “pegadinha”) e o moralista que cria a moral da história, geralmente em forma de pesados julgamentos condenatórios. Na meditação vamos percebendo essas montagens mentais rápidas e, agora, em vez de segui-las passamos a rir delas. Nos divertimos com isso enquanto estamos ali parados na frente de uma parede branca. De vez em quando caímos na “pegadinha”, mas não com a mesma assiduidade de antes.

Quando vemos de outro jeito, vemos que podemos ver de outro jeito, que não somos obrigados a ver com os olhares já prefixados que despontam como justiceiros prontos ao combate moralista. Um aspecto meio recorrente é o cenário de hostilidade e a visão do outro como ameaça: o som do vizinho como barulho, o olhar no trânsito como ameaça, a opinião do colega como perigosa. Em suma, visão de separação e hostilidade, visão de concorrência, competição. Mas podemos ver de outro jeito. Se vemos que somos agápicos começamos a ver que os outros também são seres agápicos. Se vemos que mesmo sendo agápicos somos muitas vezes condicionados pela confusão produzida pela visão restrita, começamos a ver que com os outros seres agápicos também pode ocorrer o mesmo. Assim, com esse ver como vemos, o amor não surge como desafio hercúleo, mas como característica dessa nossa substância primária que é modo de olhar-agir agápicos.

No texto de Vera sobre o agir agápico que citamos, encontramos a seguinte afirmação de Chiara: “*Guarda dunque ogni fratello amando*” (apud ARAÚJO, 2009, p.248), “Olha, portanto, para cada irmão amando”. Uma afirmação diante da qual podemos permanecer alguns minutos em contemplação. “Olha, portanto, para cada irmão, amando”. O amor começa nos olhos dos olhos, na mente, no olhar, no modo de olhar. Quem estou vendo quando estou olhando para quem estou olhando? Qual rótulo prefixado está em operação por trás dos olhos sem que eu nem tenha percebido isso? Como ver isso não é coisa fácil, mesmo se possível, uma boa prece poderia ser a invocação da lucidez agápica dos santos olhos, dos santos olhares: “Sagrados olhos de Jesus, sagrados olhos de Maria, ajudem-nos a ver como estamos

vendo o que pensamos que estamos vendo”. Nada contra a oração ao sagrado coração de Jesus e de Maria. Um acréscimo em vez de substituição.

O olhar agápico, porém, não é pensamento positivo, não é um olhar forçado, mas um olhar que emerge na familiarização com o Lugar agápico, com aquela substância primária agápica que citamos anteriormente e que se encontra na dinâmica relacional ampla entre Castelo Interior e Castelo Exterior.

Nesse sentido, no texto Ressurreição de Roma, de 1949, Chiara percebeu uma dupla possibilidade no como olhar a Roma do pós-guerra. Poderia olhar com o olhar usual, com as epistemologias usais, mas poderia olhar para dentro dela antes de olhar para Roma. Optou pela segunda possibilidade: “Olho o mundo que é dentro de mim” (LUBICH, 1995, p.06)<sup>3</sup>. E, olhando assim, “os meus olhos não são mais apagados” (Ibidem, p.06)<sup>4</sup>, pois “não sou mais eu que olho, é Cristo que olha em mim” (Ibidem, p.06)<sup>5</sup>.

Desse modo, olhando para fora a partir do olhar para dentro, Chiara via “com o olho de Deus que crê porque é Amor” (Ibidem, p.06)<sup>6</sup>. Assim, continuou Chiara, “vejo e descubro a minha própria Luz nos outros, a Realidade verdadeira de mim, o meu verdadeiro eu nos outros (talvez enterrado ou secretamente camuflado de vergonha) e, reencontrada comigo mesma, me reúno comigo ressuscitando-me – Amor que é Vita – no irmão” (Ibidem, p.06 e 07)<sup>7</sup>.

É dessa forma, com esse olhar-amor, conclui Chiara, que “o amor circula” (Ibidem, p.07)<sup>8</sup> e “então tudo se revoluciona: política e arte, escola e religião, vida privada e diversão” (Ibidem, p.08)<sup>9</sup>.

---

<sup>3</sup> “Guardo il mondo che è dentro di me”

<sup>4</sup> “i miei occhi non sono più spenti”

<sup>5</sup> “non più io guardo, è Cristo che guarda in me”

<sup>6</sup> “con l'occhio di Dio che tutto crede perché è Amore”

<sup>7</sup> “vedo e scopro la mia stessa Luce negli altri, la Realtà vera di me, il mio vero io negli altri (magari sotterrato o segretamente camuffato per vergogna) e, ritrovata me stessa, mi riunisco a me risuscitandomi - Amore che è Vita - nel fratello”

<sup>8</sup> “l'amore circola”

<sup>9</sup> “allora tutto si rivoluziona: politica ed arte, scuola e religione, vita privata e divertimento”

Em suma, Chiara via, entre outras coisas, que o modo de olhar já é amor e não uma espécie de antessala do amor. O olhar já olha agindo. O olhar não é neutro nem culpado. É condicionado e é muito difícil ver tais condicionamentos, mesmo se não impossível. Vamos vendo alguns desses condicionamentos aspirando poder passar em revista todos os olhares prefixados antes da cessação do corpo pois quanto mais ampliamos a liberdade no olhar-amar (lucidez) mais ampliamos a fluidez no agir-amar, sua circularidade. Entretanto, na meditação não olhamos o olhar de um ponto de vista moralista, como quem busca um culpado. Olhamos o olhar apenas olhando, e olhamos o olhar, olhamos a mente se movendo enquanto vamos olhando o Lugar, que é nosso Lugar. Então olhamos “tecnicamente” a mente operando enquanto olhamos também o Lugar onde somos, dado que é desse Lugar do tempo sem tempo que emerge o olhar-amor-agir que não se vê, mas é, e que transborda em inundação agápica nos lugares do tempo com tempo. O que nos remete à Carta a Diogneto, um documento de autor cristão anônimo do Século II, onde encontramos essa célebre descrição dos cristãos dos primeiros tempos do cristianismo: “Eles passam seus dias na terra, mas são cidadãos do céu”. Sendo cidadãos do céu, olham a terra a partir do céu e não o céu a partir da terra.

No céu que está em nós se encontra o modo de olhar do céu, o modo de agir do céu. E tal céu está disponível. Não precisamos marcar hora pois, do ponto de vista dele, está sempre disponível. Repousando neste céu e, a partir deste céu, vamos olhando como estamos olhando e vamos soltando amarras antigas acumuladas por herança ou produção própria no âmbito de nossas mentes e energia, liberando assim a circularidade do olhar-agir agápico no âmbito da mente-energia.

Entretanto, por mais que tenhamos tido boas experiências na meditação pessoal e nas nossas comunidades onde compartilhamos contemplações e vivências, na hora da meditação tudo cai e ficamos a sós no silêncio de um quartinho. Ficamos ali numa segunda-feira ou numa quinta-feira sentados em meditação sem lenço nem documento, sem eira nem beira, sem rendas nem cestas. Cada meditação é momento de prática solene de nossos votos de pobreza, obediência e castidade, onde soltamos a sensação de alguém (liberdade-pobreza), a sensação de poder (liberdade-obediência) e a sensação de prazer (liberdade-

castidade). Soltamos tudo e permanecemos nessa posição de desapego, de liberdade, sem dar vazão às movimentações internas de glorificação, nem naquela versão religiosa da glorificação que pode se mascarar de santificação. Assim, deixamos tudo e ficamos ali nesse lugar vazio (vacuidade). Entretanto, as coisas começam a acontecer. Surge um modo de olhar diferente, surgem instruções de movimentação interna sugeridas por uma voz gentil que podemos chamar de amada Sabedoria (Sofia). Brota energia agápica e nosso coração e mente saboreiam contentamento e encantamento. Ternura e gentileza surgem sem esforço não como negação dos problemas do tempo com tempo, mas como modo de olhar e de se mover sóbrios nesse tempo com tempo.

### **A Realidade nas realidades**

Lugar e ser agápicos não são lugares e seres separados. Nesse caso, o verbo ser, estar indica o mesmo Lugar e o mesmo ser, onde as especificidades são manifestações da Unidade.

Numa de suas publicações, Chiara destacou: “Não devo nunca me esquecer que a Realidade é dentro de mim” (LUBICH, 1978, p.155)<sup>10</sup>. A mesma expressão que já citamos que aparece em Ressurreição de Roma: “Vejo e descubro a minha própria Luz nos outros, a Realidade verdadeira de mim, o meu verdadeiro eu nos outros (talvez enterrado ou secretamente camuflado de vergonha) e, reencontrada comigo mesma, me reúno comigo ressuscitando-me – Amor que é Vita – no irmão” (LUBICH, 1995, p.06 e 07)<sup>11</sup>. A Realidade está nela e ela é também a Realidade, “substância primária” agápica. Realidade que é Luz, Realidade Lúcida, o que diz respeito a um modo lúcido-agápico de olhar que é um Lugar amplo dentro e fora.

Ao usar a palavra Realidade, Chiara trata da sua relação vital como relação com um Lugar amplo, sem separação onde ela está e é com outros. E não usa antropomorfismos para tratar sobre o que viu e vê, sobre o que viu em 1949 em

---

<sup>10</sup> “Non debbo mai dimenticare che la Realtà è dentro di me”

<sup>11</sup> “vedo e scopro la mia stessa Luce negli altri, la Realtà vera di me, il mio vero io negli altri (magari sotterrato o segretamente camuffato per vergogna) e, ritrovata me stessa, mi riunisco a me risuscitandomi - Amore che è Vita - nel fratello”



Trento e continuou vendo em Roma depois, como Ressurreição de Roma. Ou, num certo sentido, não usa antropomorfismos tão antropomórficos. Em vez de falar, por exemplo, sobre o Pai, como um ser humano, ela fala sobre o Pai como Lugar de amor e usa a expressão “o Seio do Pai” (CIARDI, 2020, p.36). “Sabe onde estamos?”, pergunta a Iginio Giordani. “Estamos no Seio do Pai”. Ela não disse onde “estou”, mas onde “estamos”. Ela se viu com outros, se viu em unidade no Seio do Pai (Ibidem, p.37). E como ela viu tal Lugar? “Eu tinha, portanto, entrado no Seio do Pai, que se manifestava aos olhos da alma (mas é como se eu tivesse visto isso com os olhos físicos) como uma voragem imensa, cósmica. E era tudo ouro e chamas acima, abaixo, à direita e à esquerda. [...] Era infinito, mas eu me sentia em casa” (Ibidem, p.36). Um Lugar amplo de amor, infinito, onde se sentia em casa com outros. O seu ser que via (alma) não era ser separado, mas ser em unidade: “Eu tive a impressão de ver no Seio do Pai um pequeno manípulo: éramos nós” (Ibidem, p.37). Então ela se via ali, com outros, nesse Lugar amplo que é o Seio do Pai, descrito com imagens dos elementos e não com imagens antropomórficas: “voragem imensa, cósmica”, “ouro e chamas” (fogo) em todos os lados, sem limites, infinito. Em relação a Jesus ela fala sobre o Verbo amor que se manifestou como raios do sol. Ciardi explicou que Chiara “entendeu a beleza do Verbo, expressão do Pai dentro de Si. Quando ela saiu da igreja, o sol tinha acabado de se pôr, e seus raios dardejavam por trás de uma montanha. ‘Eis aí o que é o Verbo’, exclamou ela, ‘é o esplendor do Pai!’” (Ibidem, p.39-40). De novo lugar amplo onde ela se sentia em casa. Sobre Maria, também Lugar amplo: “Quando elas saem da igreja”, continua Ciardi, “o céu é de um azul nunca visto antes. ‘Então entendi – conta ainda Chiara -: o céu contém o sol! Maria contém Deus! Deus A amou tanto, a ponto de fazê-La Mãe sua e o seu Amor O a pequenou diante Dela!’” (Ibidem, p.55). Céu, sol, Lugares amplos de reciprocidade agápica. E o Espírito Santo é percebido como sopro, brisa e, também, como pomba. Sobre o Espírito Santo vai usar uma linguagem da terra para descrever o céu, e não vai usar uma imagem humana, vai recorrer franciscanamente a um bichinho, uma pomba: Na tarde de 26 de julho de 1949, “como de costume”, continua Ciardi,

Chiara entra na penumbra da igreja de Tonadico e, com as amigas, detém-se em silêncio diante do altar. E então percebe como se fosse o respiro de Jesus no sacrário e dali sente chegar à sua face como que um sopro, uma brisa leve como uma aragem: o Espírito Santo se faz presente e se manifesta, como que a atmosfera do Paraíso. Chiara não sabia, mas em

1439 o Concílio de Florença havia definido o Espírito Santo exatamente como o respiro de Deus. Muitos anos mais tarde, João Paulo II iria dizer que “o Espírito Santo é como o ‘respiro’ do Ressuscitado”. Uma brisa? Mas é precisamente o nome do ‘Espírito’ Santo, *ruah* em hebraico, *pneuma* em grego: um sopro. Para doá-lo, o Senhor Ressuscitado havia soprado sobre os discípulos (cf. Jo 20,22). Naquele 26 de julho não há reminiscências bíblicas nem reflexões teológicas, há simplesmente a manifestação do Espírito e a experiência da sua presença, tão viva que se deixa ver como pomba que, partindo do sacrário, paira sobre as cabeças das moças (Ibidem, p.63).

Durante esses dias nas montanhas de Trento, em 1949, Chiara praticava junto com suas companheiras a experiência de não permanecer apegadas a pensamentos e volições, soltando tudo para perceber bem o que estava acontecendo, o que estava vendo. “Chiara não sabia”, comentou Ciardi, “mas de uma forma simples e intuitiva estava atuando uma ‘técnica’ remota da espiritualidade do Oriente cristão: para ter acesso à luz é necessário fazer calar os sentidos” (Ibidem, p.52).

Chiara encontrava a Realidade dentro e fora dela e se movia nas realidades históricas do existir a partir da Realidade com erre em maiúsculo, Lugar-olhar-agir agápico. Então ela se movia nas realidades mantendo vivo o olhar desperto que emergia no contato com a Realidade. O que certamente pode ser visto também como uma indicação de método, o método agápico do olhar-agir no mundo. Vamos citar um jogo de futebol para refletir sobre essa relação entre despertar para a Realidade e ação no mundo a partir de tal olhar agápico que emerge no despertar para a Realidade nas realidades.

Imaginemos então um estádio de futebol lotado para um jogo de final ou semifinal de campeonato nacional. De um lado as cores de um time, mais de 25 mil torcedores, do outro, as cores do outro time, 25 mil torcedores. Jogadores com seus uniformes, grama bem cuidada. O jogo disputadíssimo e, na metade do primeiro tempo, enquanto a maca entra em campo para retirar um jogador que se machucou, do outro lado do campo um jogador senta ao chão enquanto vivencia naquele momento a experiência do despertar. Ele olha ao redor e percebe que aquilo não faz mais sentido, não faz sentido ficar correndo atrás de uma bola e menos sentido ainda brigar por aquilo. Percebe que havia lutado muito para chegar onde chegou, recebia muito dinheiro, assinara contratos e, agora, ali sentado

enquanto a maca entrava e saía, percebeu que aquilo não fazia mais sentido. As cenas congelaram. Tudo parou e ele começou a caminhar lentamente pelo campo. Olhava o rosto de torcedores furiosos de um lado pela demora da saída da maca, via a cara de felicidade nos torcedores do outro lado do estádio. Pensou no seu tio que havia infartado ano passado pela derrota de seu time. Caminhava, olhava e percebia que aquilo não fazia sentido, era somente um jogo, uma narrativa fabricada, montada, carregada de emoções, sustentada pela crença coletiva no sentido daquilo que ele já não via mais, não cria mais. Uma montagem coletiva herdada e reproduzida cheia de sofrimento pela alternância entre derrota e vitória, felicidade e infelicidade. Aquela montagem era tratada como se fosse algo sério, mas era somente um jogo sustentado pela crença na seriedade de algo que não é. Em vez de julgar as pessoas, porém, os jogadores, os torcedores, entendeu que deveria continuar jogando, mas sabendo que aquilo nem existia fora da crença coletiva em sua existência. Deveria continuar jogando não pelo jogo, mas pelo lugar do jogo, para ali, entre jogadores e torcedores, tentar ajudar a mostrar que não precisavam mais sofrer por aquilo, não precisavam mais crer naquilo. Lembrou de seu irmão religioso, um santo homem que não brigava nem com as formigas, mas que, ao entrar para ver um jogo, logo após 20 minutos já estava com sangue nos olhos soltando impropérios contra a mãe do árbitro por ele ter apitado um impedimento. O jogo, a disputa aparecia para ele não como domesticação da guerra, mas como modalidade de guerra armada com sentimentos e discursos belicistas.

A metáfora do jogo, porém, pode ser estendida para outros lugares do tempo com tempo onde a visão de separação é a nota marcante do cenário geral, como o trânsito, lugar de trabalho, política local e internacional. Separação, concorrência, disputa, competição onde colaboração, cooperação surgem apenas como verniz para amenizar, sem descaracterizar o cenário geral como cenário geral de disputa entre contendentes.

Geralmente são condenadas as separações “radicais”, como a dominação de classe e as guerras. As separações “brandas” seriam consideradas normais, até desejadas, divertidas. Mas não seria a mesma visão de separação a que estaria contida nas separações graves e brandas?

Essa visão de separação, mesmo quando amena, amigável, mesmo quando mascarada com supostas bonitezas, a nosso ver faz parte do problema. Assim, rezamos pela nossa pátria, como se a do outro nem existisse. Rezamos pela nossa família, como se a do outro fosse um acessório dispensável do carro e não o próprio carro. Olhamos para a religião do outro como se fosse a negação da religião. Então não estamos aqui criticando o futebol, mas destacando que há uma visão de separação por trás das disputas amenas que faz parte do problema assim como as visões de separação de resultado mais duro como o são as guerras e as hegemonias econômicas e políticas, dado que em toda hegemonia há separação.

No caso do exemplo citado, o jogador que despertou para a Realidade durante o jogo, não se levantou com a espada da justiça decapitando os erráticos jogadores, mas continuou jogando no lugar (a realidade) a partir do Lugar de onde surgiu o seu despertar (a Realidade). O jogador que despertou durante o jogo foi em busca dos jogadores movimentando-se como um ser agápico que, a partir de seu despertar (lucidez) descobriu-se como ser agápico a serviço dos outros seres (olhar-agir agápico).

A decisão de continuar ali, mas não mais engajado na ilusão, continuar ali por amor, é a perspectiva do ser agápico, ser lúcido agápico que está nos lugares a partir do olhar-agir agápico do Lugar para ajudar no despertar de quem ainda crê na solidez de jogos de poder, buscando a mudança da visão de disputa para visão de colaboração na política, economia, ecologia, relações internacionais e, quem sabe, mas isso seria revolucionário demais, até mesmo nos jogos de futebol.

Ser agápico, em suma, é um ser comum, mas que vê a terra a partir do céu (Realidade), em vez de ver o céu a partir da terra. Ao menos percebeu que o método é esse e se tornou um aprendiz desse método. Ao contrário, ver o céu a partir da terra significa antropomorfismo, significa antropomorfizar o céu, colocando nele formas e emoções humanas, ou seja, significa tentar pintar o tempo sem tempo com as formas passageiras do tempo com tempo.

O ser que se descobre agápico e decide tentar ser o que já é, na sua prática cotidiana de meditação treina o olhar, observa sem se engajar, para poder amar, para não voltar mais para o lugar dos jogos, das disputas que é sempre um lugar de sofrimento para todos, um lugar onde todos são de alguma forma oprimidos pelo

sofrimento da alternância entre felicidade e infelicidade. O ser agápico treina o olhar para não voltar a olhar o céu a partir da terra, mas a terra a partir do olhar lúcido de amor do céu, como o fez Buda, como o fez Chiara, como fazem todos os seres que se movem na perspectiva lúcida, agápica do Lugar nos lugares.

A bússola do ser agápico em sua meditação e movimentação agápica nos lugares é a tríade Lugar (Realidade), lucidez, lugar (jogo, realidade). O ser agápico toma refúgio no Lugar, no olhar-agir do Lugar, mente ampla do Lugar enquanto se movimenta nos lugares onde o único sentido dessa movimentação é continuar sendo o que se é, ser agápico. O ser agápico olha a terra a partir do céu, faz isso com carinho, gentileza e, quando sai do Lugar, recomeça, mas não apenas como propósito moral. Recomeça como retorno “geográfico” ao Lugar-olhar-agir de onde saiu por um pouco. Retorna ao ambiente kairótico que está sempre disponível com a visão viva do Lugar que coincide com o ser-olhar-agir do ser agápico.

Sobre essa relação entre olhar-agir agápico, Vera Araújo, proveniente da área do direito e da sociologia, refletindo sobre seu percurso intelectual numa entrevista com Valentina Raparelli, destacou que, num dado momento de sua trajetória de pesquisadora e docente de ciências sociais, percebeu que era possível “olhar, entender, compreender a realidade social a partir de outra perspectiva: direi ‘do alto’ (enquanto antes eu a olhava somente ‘de baixo’) e do alto as coisas são vistas muito melhor e se entende muito melhor quais caminhos percorrer” (ARAÚJO, 2010)<sup>12</sup>.

Tal mudança de lugar do olhar não a retirou dos lugares sociais, mas reposicionou seu modo de ver-agir pelo reposicionamento em relação ao lugar do olhar. Como ela mesma explicou

Daquele momento os meus interesses se tornaram mais sociológicos que jurídicos, e estudei a sociologia para encontrar a sinergia entre o ‘olhar de baixo’ – a sociologia – e o ‘olhar do alto’, isto é, a partir de Deus, ou seja,

---

<sup>12</sup> “guardare, capire, comprendere la realtà sociale da un’altra prospettiva: direi ‘dall’alto’ (mentre prima la guardavo solo ‘dal basso’) e dall’alto le cose si vedono molto meglio e si capisce molto meglio quali strade percorrere”

procurando a perspectiva do olhar do Uno, que vê assim a multiplicidade na sua positividade e não somente na sua conflitualidade (Ibidem)<sup>13</sup>.

Multiplicidade não como divisão, nem como visão de separação, mas como manifestação de especificidades da vastidão (sem medida de lugar e tempo) do Lugar-Uno.

Dessa forma, mudando de lugar do olhar, foi percebendo que o modo agápico de ser do Lugar está refletido e em movimento no modo de ser dos lugares sociais: “O agir agápico é construtivo e está presente em muitas relações privadas e públicas” (Ibidem)<sup>14</sup>.

Em vez de hostilidade e separação ou consenso como forma de acomodação, Vera se posicionou paradigmaticamente no lugar-olhar-agir agápico, destacando que “não são somente paradigmas como aqueles do conflito que movem a sociedade, mas mais ainda o é aquele agápico, que é capaz de construir a sociedade” (Ibidem)<sup>15</sup>. Nesse sentido, para que tal modo de olhar o que já está num certo sentido presente parcialmente nos lugares sociais possa ser sempre mais evidenciado, propôs o que chamou de “pacto epistemológico” (Ibidem) a partir do qual se possa tentar “compreender melhor a realidade social e sobretudo elaborar teorias que sejam aptas a se tornarem instrumentos válidos para a compreensão da sociedade, mas, também, e sobretudo, para a sua evolução” (Ibidem)<sup>16</sup>.

De fato, a questão epistemológica é central: como estamos vendo aquilo que pensamos de estar vendo? Quais matrizes epistêmicas e paradigmas estamos utilizando? O do lucro, o do conflito, o do consenso? Matrizes epistêmicas e paradigmas deixam de ser obrigatórios quando os identificamos como paradigmas

---

<sup>13</sup> “Da quel momento i miei interessi sono diventati sociologici, più che giuridici, ed ho studiato la sociologia per trovare la sinergia tra il ‘guardare dal basso’ – la sociologia – e il ‘guardare dall’alto’, cioè da Dio, ossia cercando la prospettiva dello sguardo dall’Uno, che vede poi la molteplicità nella sua positività e non solo nella sua conflittualità”

<sup>14</sup> “l’agire agapico è costruttivo ed è presente in molte relazioni private e pubbliche”

<sup>15</sup> “non sono solo paradigmi come quello del conflitto a far muovere la società, ma ancor più quello agapico, che è capace di costruire la società”

<sup>16</sup> “comprender meglio la realtà sociale e soprattutto di elaborare delle teorie che siano in grado di diventare strumenti validi per la comprensione della società, ma anche, e soprattutto, per la sua evoluzione”

implícitos atuando sem que tenhamos dado nosso explícito consentimento. Por meio de tal despertar epistêmico podemos abandonar visões que estavam atuando veladamente como se fossem coercitivas e podemos nos mover com escolhas e respostas (também de paradigmas) em vez de continuarmos nos movendo no modo reatividade sem termos olhado e identificado os paradigmas implícitos atuando sem nosso explícito consentimento.

Nesse sentido penso que o paradigma agápico amplo, envolvendo não somente os seres humanos, mas todos os seres (Seridade), envolvendo o Planeta, envolvendo mares, rios, lagos, florestas, ar, talvez seja até mesmo uma questão de sobrevivência geral de todos os seres, um modo de conseguirmos escapar dessa tendência ao apocalipse ambiental onde o paradigma da coercitividade do lucro nos colocou. E assim, nessa passagem do lucro ao ágape, na passagem da visão antropocêntrica fechada em humanidade à visão ampla focada em Seridade (todos os seres), além de evitar o capítulo trágico final do genocídio ambiental, poderemos também ir saindo dessa sensação coletiva de angústia na qual estamos pelo encarceramento em visões restritas, sectárias, em suma, asfixiantes.

### **O sofrimento existe, mas a libertação é possível**

Terminamos o item anterior citando a palavra angústia como sensação coletiva de aperto, de asfixia, ou seja, sofrimento que, em latim, significa estar sob ferros, estar encarcerado em alguma forma de prisão, de fechamento dentro ou fora de cárceres. Nesse sentido um modo restrito de ver é também um modo paradigmático de aprisionamento, um modo epistêmico de encarceramento. Nesse texto estamos destacando que a meditação silenciosa nos vai mostrando também (ou sobretudo) esses paradigmas implícitos que estão atuando em nossas mentes sem nosso consentimento porque nem nos damos conta disso. Dessa forma a meditação silenciosa é também despertar epistemológico, e nesse despertar está contido o desabafo pela liberação do sofrimento contido no encarceramento produzido por tais visões restritas que herdamos e reproduzimos. Mas como lidamos com o sofrimento no contexto da meditação silenciosa? Da mesma forma como lidamos com o sofrimento no contexto de varrer a casa e recolher os pelos do cachorrinho. Lidamos com o sofrimento como questão de modo de ver e não como

se fosse questão teológica produzida por “deuses” para nos castigar ou para nos redimir por meio de uma espécie de “ascese da reclamação” como prática de devoção ao deus lamúria. O ágape-serviço liberta. A lamúria não resgata ninguém, só produz mais sofrimento.

Varremos a casa num dia e no outro dia varremos de novo pois a poeira surge sempre. Então agradecemos por conseguirmos varrer, por termos em casa uma vassoura e porque estamos numa casa onde vivemos e que podemos varrer. Não fazemos uma teologia lamuriosa da poeira cada vez que varremos a casa invocando anjos e demônios. Varremos a casa por amor pois quem vive com você vai ficar feliz e você também. Entretanto, se varrermos reclamando de tudo e brigando com todos, ao mesmo tempo que recolhemos a poeira produzimos outro tipo de poeira, a do sofrimento. Do mesmo modo que a poeira surge, mas podemos varrer, e podemos varrer por amor porque podemos amar e limpar todos os dias, também ocorre o mesmo com o cachorrinho que perde pelos porque cachorros perdem pelos, e isso não é uma lei teológica, mas biológica. O cachorro alegre a casa, o cachorro perde pelos e não perde pelos por razões metafísicas. Entretanto, se você recolher os pelos do cachorro reclamando e brigando com todos você estará espalhando pelos de sofrimento pela casa enquanto recolhe os pelos do cachorro pela casa. Esse sofrimento que você produziu acaba atingindo alguém e, talvez, você pratique a lamúria ao varrer e recolher pelos porque aprendeu a fazer assim, ou seja, foi influenciado por pelos e poeiras de sofrimentos herdados do passado e continuou fazendo assim, sem romper com essa espécie de lei social (não é uma lei teológica) da lamúria por nem ter percebido que estava reproduzindo esse tipo de pelos e poeira.

Poeira e pelos de cachorros existem como lei de causa e efeito e não como lei teológica. O pelo cai e fica no chão até ser retirado do chão. Não há nenhuma teologia nisso. Recolher pelos não é azar, não é sorte, não é uma punição divina contra você. Os pelos e poeiras de sofrimento que espalhamos pela prática da lamúria enquanto varremos ou recolhemos os pelos do cachorrinho também são lei de causa e efeito e não lei teológica. Aprendemos a praticar a lamúria vendo adultos praticarem a lamúria e assim reproduzimos a mesma prática que vai sendo passada de geração em geração.



Num dado momento a poeira da lamúria acumula tanto que algo precisará ser feito para limpar a casa interna e o ambiente ao redor, até porque ninguém consegue conviver por muito tempo com a lamúria própria e a lamúria alheia sendo mais fácil conviver com a poeira e pelos de cachorro numa casa do que com poeira e pelos de lamúria. Entretanto essa lamúria produziu e acumulou sofrimento como se acumulam pelos e poeira. Causa e efeito na poeira da casa, causa e efeito nos pelos de sofrimento acumulados pela prática da lamúria. Nesse caso, a solução também passa pela decisão de varrer: percebemos que precisamos varrer ou que podemos varrer, precisamos parar de reclamar e ir limpando o excesso de pelos de reclamação que acumulamos pois isso faz mal, dói em si e em quem está ao redor. Então o material de limpeza está em praticar o contrário, aplicar a virtude do amor-serviço que liberta em vez de praticar o vício-lamúria que oprime. A meditação nos ajuda a ver que estamos sob o condicionamento da deusa lamúria e nos ajuda a tratar a vassoura com o carinho devido pois se trata de ótimo equipamento de redenção agápica.

O mesmo vale para a prática do ódio, da exclusão dos outros seres, da visão de separação. Aprendemos a odiar da mesma forma como aprendemos a reclamar de varrer. Há os que não varrem, pagam para que um empregado faça isso, e reclamam do serviço do empregado. O paradigma da reclamação encontrou um jeito de reclamar do varrer mesmo não varrendo. O paradigma da reclamação, assim como outros modos de ver com separação e sofrimento, não é lei teológica, mas lei social.

O teólogo italiano Alberto Maggi em várias de suas publicações destacou que o sofrimento não é uma produção do céu, mas da terra (MAGGI, 2016). Não é uma produção do alto, mas de baixo. O ágape (amor-serviço) é divino. Castigo, sofrimento e reclamação, não. O que o Deus revelado por Jesus, em Jesus, quer é a libertação do sofrimento. Deus é amor e a prática e ensinamento de Jesus é que a libertação do sofrimento é possível.

Buda e Jesus estão de acordo no afirmar que o sofrimento existe, mas a libertação é possível, e é possível antes da cessação do corpo. Aliás, Buda e Cristo não são oponentes. Onde pode haver oposição é entre cristãos e budistas sectários, ou entre cristianismo e budismo de tipo sectário, mas não entre Cristo e Buda. Para

Buda a origem do sofrimento não está no céu, no alto, mas na terra, no baixo, e a origem do sofrimento é epistemológica, oftalmológica, está no modo de ver (SMITH, 2011). A origem do sofrimento está na ignorância que não é não ver algo, mas só ver algo, só ver o que você acha que está vendo (visão restrita). Então é um problema coletivo, uma visão restrita que é herdada, reproduzida e retransmitida, e com a qual se rompe com o contato com algum mestre ou mestra que mostre que o que você acha que está vendo não é bem assim como você acha que está vendo (despertar oftalmológico). Jesus alertou sobre a “trave” nos olhos que impede de ver (Lucas 6, 42). Buda, depois que despertou, passou o resto dos seus anos explicando isso, pois ajudar nesse despertar oftalmológico é sublime ato de amor, sem deixar de valorizar outros tipos de ato de amor também.

O sofrimento existe, é produção da terra, mas a libertação é possível. Buda e Jesus dedicaram suas vidas à libertação. Segundo Maggi,

Jesus não se ocupa com o problema do mal, mas com os doentes e inicia a sua atividade libertando e curando as pessoas (Mateus 4, 23), desmentindo a falsa imagem de um Deus castigador: o Pai é aquele que livra das doenças (“Ele perdoa todas as culpas, cura todas as tuas enfermidades” Sal 103,3), e não aquele que as envia. Jesus não pede aos doentes de aceitar suas enfermidades como expressão da vontade divina, nem de oferecer a Deus os próprios sofrimentos para salvar a humanidade pecadora. Nem mesmo afirma que esses sofrimentos tenham sido enviados a eles por Deus, como uma cruz para carregarem durante toda a existência. Não. Jesus simplesmente cura. Cristo não elabora uma teologia do mal ou uma espiritualidade do sofrimento, ele não dá explicações, mas age. Não teoriza, cura (MAGGI, 2016)<sup>17</sup>.

Jesus, portanto, não faz especulações sobre o sofrimento, mas cura, liberta sustentando que o sofrimento não é obra de Deus nem é vontade de Deus. A vontade de Deus é superar o sofrimento. Nesse mesmo texto Maggi destaca que o paraíso não é algo perdido, mas algo que pode ser alcançado. Em suma, o sofrimento existe, mas a libertação é possível, e é possível antes da cessação do corpo, antes daquilo que a episteme coletiva usual chama de morte. Jesus desloca a

---

<sup>17</sup> “Gesù non si occupa del problema del male, ma dei malati, e inizia la sua attività liberando e guarando le persone (Mt 4,23), smentendo la falsa immagine di un Dio castigatore: il Padre è colui che libera dalle malattie (“Egli perdona tutte le tue colpe, guarisce tutte le tue infermità”, Sal 103,3), e non colui che le invidia. Gesù non chiede agli infermi di accettare la loro malattia come espressione della volontà divina, o di offrire a Dio le proprie sofferenze per salvare l’umanità peccatrice. Neanche afferma che queste sofferenze siano state loro inviate da Dio, come croce da portare per tutta la loro esistenza. No. Gesù semplicemente guarisce. Il Cristo non elabora una teologia del male o una spiritualità della sofferenza, lui non dà spiegazioni, agisce. Non teorizza, risana”

questão do sofrimento do âmbito da teologia para o âmbito das questões da terra, destacando que a libertação é possível e que Deus Amor vai estar em parceria estreita com quem tomar a decisão de sair pessoal e coletivamente do pântano da lei social do sofrimento que funciona como causa-efeito. Ora, se um copo cai ele se quebra, se brigamos com alguém o desconforto surge, e isso é uma lei da terra, uma lei de ação-reação, não é uma lei teológica. Jesus oferece a cura para isso com a prática do amor e perdão ilimitado. Fomos educados na lei social (da terra) da visão de separação e ódio, uma lei social que provoca sofrimento e que não é lei de Deus, podemos, porém, sair disso com o amor, perdão e com a visão alternativa à visão usual da terra, que é a visão do “Pai Nosso”, mostrada por Jesus, segundo a qual não há separação, mas unidade ontológica entre os seres.

O sofrimento existe, mas a libertação é possível, e é possível - tomando a respeitosa liberdade de citar algumas expressões budistas apesar de meu escasso conhecimento a respeito - em Rigpa-Bodicita-Darmacaia, ou, usando expressões cristãs para descrever o que considero ser a mesma Realidade, é possível no Olhar-Agir Agápico do Lugar Pericorético que é o nosso lugar coletivo de lucidez, amor, espaço amplo (liberdade) de onde olhamos e nos movemos nos lugares sociais por onde passamos tentando ser o que somos e não o que não somos mesmo se antes pensávamos ser.

## Capítulo 4 – Arco-íris da vacuidade

---

Em *O Céu Começa em Você*, o monge beneditino Anselm Grün trata sobre uma espiritualidade do baixo, a partir da base, do “céu que começa em você”, relativizando a interpretação entre céu e terra, alto e baixo como realidades separadas. Então quando usamos a expressão olhar a partir do alto estamos utilizando uma distinção que é meramente didática, tentando encontrar palavras para uma Realidade ampla que está aquém das palavras. Num certo sentido, afirmar que podemos ver a partir do alto indica também antropomorfismo, tentar entender o céu a partir da terra, e isso vai mesmo ocorrer pois a nossa compreensão das coisas do alto estará condicionada pelas coisas de baixo. Entretanto, alto e baixo não estão separados. Dizer olhar a partir do alto, como fazemos aqui, significa olhar a partir do Lugar, da Realidade, usando a expressão de Chiara que encontrava a Realidade olhando para dentro dela, no caminho da interiorização que é o caminho de acesso ao Lugar. Como destacou Vera Araújo, “o ágape é a substância primária de cada ser humano criado a imagem e semelhança de Deus que é amor” (ARAÚJO, 2009, p.246). Ou seja, ela afirma o que afirmou Anselmo Gruem, o céu está em você. Então olhar a partir da Realidade, olhar a partir do alto significa olhar a partir da substância primária que somos, olhar a partir do ágape, do céu, do alto que está em você. O céu-ágape não está lá, está aqui no alto de você que, por sua vez, não está separado dos outros seres enquanto substância primária porque todos os seres são substância primária, todos os seres são seres primariamente agápicos, para aquém das manifestações condicionadas que são acidentais e não substância primária. Aqui neste trabalho estamos destacando que é sobretudo por meio da prática regular da meditação silenciosa, no contexto do amor recíproco, que podemos perceber o que somos e o que os outros são (substância primária agápica) soltando a crença ilusória em relação ao que pensávamos ser (acidentes condicionados, aparências, papéis, funções sociais), mas que de fato substancialmente não o somos.

O Ágape, portanto, é a Realidade. Nesse Ágape não há divisão nem separação. Nele as especificidades são manifestações agápicas do Uno agápico. Esse Ágape está dentro de cada ser, está no que classificamos

antropomorficamente de baixo. O alto está no baixo. Santa Teresa chamou esse baixo de Castelo Interior, disse que ele é bonito, que ali está o Diamante: “Não nos cansemos tentando descrever a formosura deste castelo (...), com grande dignidade e beleza” (1981, p.20). Trata-se de “um castelo feito de um só diamante ou de limpíssimo cristal” (Ibidem, p.19).

Alto e baixo, vértice e base, castelo interior e exterior não são realidades separadas, mas a Realidade Agápica. Entretanto a porta da Realidade Agápica é a meditação e oração que percebe o Ágape e, como estamos afirmando nessas páginas, a partir de referências cristãs e budistas, a meditação que percebe o Ágape é, também, a meditação entendida como passo no abismo da vacuidade que se mostra na experiência do se soltar cotidianamente no silêncio, na sensação de vazio.

Na meditação silenciosa percebemos a vacuidade e na vacuidade percebemos o Uno Agápico que, por sua vez se manifesta no baixo a partir do alto em nós em forma de arco-íris. E aqui retornamos a Chiara que viu que o amor (ágape) é luz e uma luz do “alto” que se manifesta em sete cores (MF, 1999). Assim queremos destacar que o Ágape não é uma realidade reduzida ao “espiritual”, na forma usual como tal expressão pode ser entendida. Nem a meditação silenciosa pode ser reduzida a tal “espiritual” separado como pode ocorrer em algumas interpretações usuais.

O Ágape é Luz, ou seja, esse amor vê, não é amor cego, então não é aquele romantismo de quem “se deixa levar pelo coração” tratando os impulsos do coração como se fossem entidades benéficas, infalíveis, dogmáticas, divinas. O amor que não vê é o amor dos crimes passionais, um assunto mais ligado à criminologia mesmo, mesmo se nem a criminologia está excluída da atenção do olhar lúcido que emerge na meditação. Ao contrário, o estudo da criminologia mostra seres substancialmente agápicos que agiram impulsionados pelos condicionamentos acidentais.

O amor vê, o amor ágape vê e tal luz lúcida agápica se manifesta em sete cores que simbolizam sete núcleos de atividades no tempo com tempo. Então se trata de uma luz do tempo sem tempo que se manifesta beneficamente no tempo

com tempo (mesmo sendo também tal distinção de tempos mais didática que substancial).

O amor que vê orienta para uma organização agápica no tempo com tempo, uma organização que não é poder, mas serviço, que não é rígida, mas leve, pois o ágape não é opressão, mas libertação. Então, a partir desse amor-luz, Chiara percebeu sete manifestações agápicas como sendo sete formas de organização coletiva agápicas, luminosas, leves, libertadoras (MF, 1999, p.18). Na cor vermelha, a organização econômica agápica em forma de comunhão de bens, para a superação de qualquer forma de exclusão; na cor laranja, as atividades agapicamente organizadas de irradiação dessa luz agápica que liberta o modo de olhar-agir; na cor amarela, as atividades de oração com as práticas da espiritualidade agápica que são atividades pessoais e comunitárias, como a missa para os católicos, para citar um exemplo, os retiros, colóquios; na cor verde, a atenção ao corpo dos seres vivos, o cuidado com a saúde corporal de todos os seres corporais, o cuidado com a natureza em sentido amplo, florestas, mares, rios, ar, água. A atenção à alimentação, ao o que comer e como comer. Atenção aos cuidados com o corpo por meio de caminhadas, atividades físicas como atividades caracterizadas pela colaboração e ludicidade e não pela concorrência, disputa, competição, agressão; na cor azul, as atividades domésticas de cuidado da casa, cuidado com as roupas e armários, com a limpeza cotidiana dos lugares de habitação com a ajuda da nossa irmã vassoura por meio da qual realizamos uma atividade agápica tão importante para as comunidades domésticas que é manter os ambientes arejados, limpos, saudáveis, com a circulação dos ares luminosos do amor; na cor anil, as atividades de estudos orientados pela epistemologia do Lugar, pelo olhar a partir do ágape, do Uno agápico como forma de ir superando a confusão da episteme da separação, fundada no paradigma do lucro, da concorrência, da disputa; na cor violeta, os meios técnicos utilizados para uma comunicação agápica voltada para a superação da comunicação fundada no poder, na mentira, na falsificação voltada para fins eleitorais (poder), uma comunicação fundada na comunhão tendo como base a gratuidade da unidade agápica.

Sete cores que são como sete mandalas agapicamente organizadas do arco-íris como manifestação da Luz agápica que surge da vacuidade e se manifesta lúcida e amorosamente no tempo com tempo.

## Parando por aqui - Sexto continente

---

Certa vez, em Castelgandolfo, cidade situado nos arredores de Roma, estávamos num congresso internacional de focolarinos e haveria um momento de perguntas e respostas com Maria Voce, então presidenta do Movimento dos Focolares, e me pediram para participar desse momento. Lá pelas tantas comentei que, a meu ver, havia um certo eurocentrismo na linguagem usada no movimento, herança do colonialismo europeu, e tal linguagem manifestava que ainda não havia uma visão de igualdade entre todos os continentes, que se refletia no movimento a visão eurocêntrica do lugar geográfico onde o movimento surgiu e se expandiu. O diálogo com Maria Voce foi muito bom. Ao término desse momento, Marco Tecilla, um focolarino que participou da experiência de 1949 com Chiara, me puxou num canto pelo braço e me disse enfático: “*Siamo del sesto continente! Siamo del sesto continente!*” (Somos do sexto continente). Naquele momento não entendi bem sua reação, mas disse que sim, sorrindo, enquanto ele soltava meu braço.

Anos depois sua afirmação voltou forte para mim numa manhã no contexto da prática da meditação. Podemos amar a pátria do outro como se fosse a própria, o que já é alguma coisa. Podemos amar a família do outro como se fosse a própria, o que já é algo além, ou aquém, da visão de separação na qual fomos nos construindo como identidades separadas no existir passageiro. Podemos amar o continente do outro como se fosse o próprio, mas podemos também perceber que pátria, famílias, idiomas, continentes não são pertencimentos sagrados, incontestáveis, mas montagens passageiras do existir (passageiro). E percebemos isso descobrindo que nosso continente é mesmo um sexto continente, como destacou Marco, o continente agápico.

No nível da substância primária agápica que somos, onde somos, não existe o “outro”, mas o Uno. O outro surge somente no âmbito do cenário do acidente secundário das identidades (papeis) fabricadas. O medo ou a atração supõe um outro que pode dar medo (ameaça) ou prazer (atração). Permanecendo no âmbito do que somos, o Uno, por não existir um outro, não há nem expectativa de surpresa agradável ou desagradável, medo ou prazer. Então, assim, sem o outro, que nem é,



mas só no Uno, que é, ficamos bem, sem medo. E tal outro não existe nem como “Deus”, separado, pois não há separação em Deus nem no que é de Deus. Então a palavra Uno, ou Lugar, ou Realidade agápica talvez consiga manifestar melhor mesmo essa Realidade sem separação, esse Uno agápico sem outro separado onde as especificidades agápicas são manifestações do Uno, como os raios do sol são raios inseparáveis do sol.

Parece que fomos acostumados a ver o outro de forma hostil desde pequenos, separando a minha família da família do outro; a minha pátria da pátria do outro; a minha religião da religião do outro. Olhar com hostilidade parece ser o olhar obrigatório nas relações internacionais e locais. Como se vivêssemos sob uma grande redoma paradigmática caracterizada pela visão de hostilidade e, assim, o outro, pessoa ou país, é sempre uma ameaça velada ou explícita. Dessa forma, sem superar esse tipo de olhar coletivo que parece quase obrigatório, é muito difícil ser feliz dado que nossa “substância primária” é unidade agápica e não hostilidade, separação. O sofrimento está em sermos o que não somos, em sermos hostis em vez de sermos o que somos, reciprocidade agápica. Então se o outro em si já é uma limitação no modo de olhar-agir, o outro separado significa maior sofrimento e, o outro hostil, mais sofrimento pois quanto mais nos vemos-agimos fora do que somos mais sofremos por motivo dessa fricção, atrito entre o que somos e não sabemos que somos, e o que não somos substancialmente mesmo pensando ser.

Somos a unidade na base do ser que somos. Somos um país supremo (paraíso) muito mais amplo-Uno que a visão fabricada de pátrias e continentes separados no existir. Somos o sexto continente, continente agápico. Marco, de fato, tinha razão, e Marco tinha razão porque viu. Ele viu o sexto continente e, naquela manhã em Castelvandolfo me contou o que viu. Anos depois eu entrevi uma frestinha do que ele viu, e sou-lhe muito grato por ter-me dito o que viu.

Se o sol um dia explodir, todo dinheiro acumulado se tornará poeira cósmica, todas as heranças também, todas as armas também. Se o sol um dia explodir não ficarão famílias, religiões ou pátrias. Se o sol um dia explodir, não ficarão os cinco continentes, mas o sexto continente sim, o continente agápico. Então o sol com suas hipotéticas possibilidades é uma boa contemplação cotidiana

de meditação, de onde levantamos felizes por saber que somos de um lugar que não explode nem se explode, sexto continente, o continente agápico.

Dessa forma fica impossível contemplar a unidade reduzida a projeto político intra-histórico, pois se a unidade fosse projeto político intra-histórico ela seria excludente em relação aos falecidos, que estariam assim fora dessa unidade. E seria um projeto que dependeria da sobrevivência eterna dos seres vivos, dos planetas, que são, como sabemos, experiências com prazos mais ou menos longos ou curtos de validade. A Unidade se manifesta em nossas experiências históricas, mas é algo muito mais amplo, e isso não nos desmobiliza, mas nos ajuda a nos movermos com mais atenção no tempo com tempo a partir do tempo da Unidade, que é o tempo sem tempo.

Nesse sentido, Buda e Jesus não nos ofereceram discursos, conceitos e doutrinas, mas observações práticas da Realidade. Foram sociólogos do kairós no cronos. Descreveram como puderam o que é, mesmo parecendo não ser. Descreveram metaforicamente o que não pode ser descrito porque não tem forma como compreendemos a forma no cronos. Assim, quando temos um grupo de meditação temos um grupo de estudo prático sobre a Realidade. O que impede de se perceber a Realidade é a crença na forma como forma sólida, como se a forma fosse substancial. A crença no que pensamos ver, pensando que seja, nos impede de perceber o que parece não ser, mas é. Soltando tal crença no que parece ser começamos a perceber a Realidade que é, mesmo parecendo não ser. E assim nossa meditação se torna atividade de estudo, atividade descritiva do que é, mesmo parecendo não ser. Em suma, mesmo parecendo abstrato, Real mesmo é o kairós. Mesmo parecendo concreto, abstrato mesmo é o cronos. E o apego ao que parece real não ocorre apenas no âmbito leigo das instituições estatais, mas também no âmbito das religiões quando se passa a crer e prestar devoção mais no que se vê, um templo, uma doutrina, uma organização religiosa, do que no sopro vivo que não se vê, mas é.

## Referências

---

ARAÚJO, Vera. Agire agapico e scienze social. In: Nuova Umanità XXXI (2009) 182, pp. 245-251.

ARAÚJO, Vera. Le relazioni sociali agapiche. Città Nuova Cultura e Informazione. 2010. Disponível em: [Vera Araujo: le relazioni sociali agapiche - Città Nuova - Città Nuova \(cittanuova.it\)](http://VeraAraujo.lerelazioni-sociali-agapiche-Città-Nuova-Città-Nuova(cittanuova.it)). Acesso em 25/04/2021.

CHAGDUD TULKU RINPOCHE. Portões da prática budista. Três Coroas (RS): Ghagdud Gonpa, 2003.

CIARDI, Fabio. Viagem ao paraíso. A experiência espiritual de Chiara Lubich no verão de 1949. São Paulo: Cidade Nova, 2020.

GRÜN, Anselm. O céu começa em você. A sabedoria dos padres do deserto para hoje. Petrópolis: Vozes, 2014.

LUBICH, Chiara. Scritti spiritual/1. Roma: Città Nuova, 1978.

LUBICH, Chiara. Risurrezione di Roma (1949). Editoriale. In: Nuova Umanità XVII (1995) 6, pp.5-8.

LUBICH, Chiara. Come ottenere e mantenere la presenza dello Spirito Santo. Effetti. Vídeo. Setembro 2018. Grottaferrata. Código evento: FM20180901-01.

MAGGI, Alberto. Dio e il male: dalle religioni primitive a Gesù. 2016. Disponível em [Dio e il male: dalle religioni primitive a Gesù, la riflessione del biblista – ilLibraio.it](http://Dio-e-il-male:dalle-religioni-primitive-a-Gesù,la-riflessione-del-biblista-ilLibraio.it). Acesso em 26/04/2016.

MF. Come un arcobaleno. Gli aspetti nel movimento dei focolari. Roma: Città Nuova, 1999.

SAMTEN, Lama Padma. A roda da vida como caminho para a lucidez. São Paulo: Peirópolis, 2010.

SMITH, Huston. Budismo. Le religioni del mondo. Roma: Fazi Editore, 2011, p.113-199.

TERESA DE JESUS, Santa. Castelo interior ou moradas. São Paulo: Paulus, 1981.

THICH NHAT HANH. Velho caminho, nuvens brancas. Seguindo as pegadas do Buda. São Francisco de Paula (RS): Bodigaya, 2020.

## ANEXO 1 - O SEXTO CONTINENTE

---

### O Sexto Continente\*

Da hostilidade ao diálogo intercontinental e local

(\*Comunicação apresentada no dia 21 de maio de 2021)

Por Fábio Régio Bento

Boa noite.

Recentemente a filha mais nova concluiu seu bacharelado em Relações Internacionais com uma pesquisa sobre a contribuição indígena e africana na construção da gastronomia brasileira. Os africanos trouxeram para cá modos de cozinhar, música, espiritualidade, dança, cosmovisão e tantas outras coisas. Trouxeram isso forçados pelo sistema colonial, mas trouxeram e, hoje, aquilo que somos é, em grande parte, contribuição africana nesse lugar que foi chamado de Brasil pelos conquistadores, pois os indígenas chamavam de outro jeito.

Da Europa, porém, não recebemos apenas conquistadores, mas, também, projetos e experiências de libertação. Entre os italianos que vieram trabalhar nas plantações de café no início do século passado, no Brasil, alguns trouxeram consigo também ideias anarquistas. Anarquismo não significa bagunça, caos, desordem, mas autoridade da comunidade. E nem todos os anarquistas são ateus. Há, também, famosos anarquistas cristãos, como o escritor russo Liev Tolstói, que faleceu em 1910. Vejam que hoje, no movimento dos Focolares, quando usamos a expressão pirâmide invertida, há nisso um quê de boa aspiração anarquista também. Claro que para nós autoridade da comunidade significa autoridade de Jesus no meio na comunidade (Mateus 18, 20), mas há essa centralidade da comunidade, distante tanto de certo individualismo contido no liberalismo quanto de certa uniformidade coletivista contida no soviétismo e fascismo.

Da Itália recebemos ideias políticas, músicas, literatura, pizza, cappuccino, café expresso e um modo alegre e longo de comer diferente do estilo *fast food*, o *slow food*, um elemento em comum com nossos antepassados indígenas, africanos e portugueses. De Portugal veio o azeite e da Itália a massa de trigo duro e o óleo extravirgem de oliva. Da França veio o ideal da Liberdade, Igualdade e Fraternidade que, para as filhas e filhos de Chiara significa Fraternidade, Liberdade e Igualdade, dada a recomendação veemente do “antes de tudo a mútua e contínua caridade” destacada por Chiara. E, assim, vamos passando para a citação de uma outra grande contribuição que recebemos da Itália, o Carisma da Unidade, que não é um Carisma europeu, é um Carisma Universal, mas que começou a se explicitar historicamente na Itália, na cidade de Trento, de onde vieram para o Brasil Ginetta Calliari, Marco Tecilla, aos quais quero me referir nessa breve comunicação que agora apresentarei situada nesse nosso contexto político de polaridade e polarização, com a confusão entre justiça e ódio. Justiça, porém, significa inclusão, e

não os gritos espumosos de raiva que vemos no terreno presencial e virtual das redes sociais.

Queridas amigas e amigos.

Visão de hostilidade não é coisa de hoje. Fomos nos acostumando a ver o outro de forma hostil desde pequenos, separando a minha família da família do outro; a minha pátria da pátria do outro; a minha religião da religião do outro. Olhar com hostilidade parece ser o olhar obrigatório nas relações internacionais e locais. Como se vivêssemos sob uma grande redoma paradigmática caracterizada pela visão de separação, hostilidade e, assim, o outro, pessoa ou país, é visto como ameaça velada ou explícita. Dessa forma, sem perceber e superar esse tipo de redoma-cenário-olhar coletivo de hostilidade que se apresenta como se fosse quase obrigatório, é difícil dialogar.

Nessa breve comunicação sobre a temática do diálogo, tendo também em vista que, logo depois de mim, Sandra apresentará sua comunicação sobre Ginetta Calliari, vou começar citando um episódio com um outro italiano, Marco Tecilla, também ele de Trento como Ginetta.

O episódio ao qual me refiro, que intitulei “O Sexto Continente”, ocorreu em dezembro de 2014 num congresso internacional de focolarinos em Castelgandolfo, cidadezinha nos arredores de Roma.

Bem, numa manhã daquele inverno italiano, durante nosso congresso ocorreria a visita de Maria Voce, Emmaus, para um diálogo aberto com os focolarinos em formato entrevista, ou seja, seria montada uma salinha no palco, com poltronas, e haveria esse diálogo em estilo meio jornalístico com Emmaus. Três focolarinos fariam isso. Um amigo de Casa Vita, que é a Casa que está a serviço dos focolarinos de todo mundo, pediu-me para participar desse momento de diálogo como focolarino casado ao lado do outro focolarino, de vida comum, e do focolarino que estava como âncora naquele diálogo.

Num dado momento, durante a conversa com Emmaus, lembrei-me de uma frase que ouvira várias vezes do microfone de avisos da ampla sala de eventos de Castelgandolfo; “I popi dei continenti sono attesi per...”, ou “i pullman dei popi dei continenti sono in parterza”. Ou seja, “os focolarinos dos continentes estão sendo esperados para...”, e “os ônibus dos focolarinos dos continentes estão de saída” para os alojamentos específicos. Essa expressão poderia fazer pensar que a Europa não estaria elencada como sendo um dos continentes, como se fosse o centro do mundo ao redor do qual haveria continentes. Ou seja, tal modo de falar me parecia manifestar certo eurocentrismo que ainda permanecia na linguagem que se usava também em avisos de portaria. Assim, perguntei a Emmaus sobre isso, se segundo ela não haveria esse resquício de colonialismo europeu, resquício de eurocentrismo também dentro do movimento, na linguagem, indicando uma relação não de igualdade entre todos os 05 continentes, mas uma visão sutil de superioridade do continente Europeu que, por ser considerado central, nem seria citado como sendo mais um na lista dos 05 continentes, mas um lugar central rodeado de lugares periféricos. Sua resposta foi muito boa e ficou gravada.

Ao término desse momento com Emmaus, Marco Tecilla, que estava por lá, me chamou num canto e disse com ênfase: “Noi siamo del sesto continente! Noi siamo del sesto continente!”, ou seja, “Nós somos do sexto continente!”.

Naquele momento não entendi muito isso. Concordei com ele, mas não entendi muito bem. Entretanto, mais ou menos 05 anos depois, essa frase de Marco apareceu de novo para mim durante minha prática cotidiana de meditação silenciosa e apareceu iluminando a mente e aquecendo o coração. Vou comentar um pouco sobre isso porque considero muito difícil dialogar de forma apreciativa sem praticar meditação, entendida como prática de se olhar e olhar os cenários que montamos. Considero difícil sair do diálogo depreciativo sem o método da prática da meditação silenciosa que olha como estamos olhando. Então vou entrar um pouco nesse assunto por estar relacionado ao diálogo apreciativo.

Bem, Marco Tecilla é o focolarino da famosa alface, ou seja, numa Mariápolis, que é um evento organizado pelo movimento dos Focolares, uma pessoa o viu preparando uma salada de alface com tanta solenidade que descobriu que havia algo forte por trás daquele preparar salada. Marco não fez um discurso com palavras, mas permitiu que o discurso do amor, que não precisa de palavras, mesmo se palavras são também bem-vindas, fosse feito sem palavras preparando salada. Marco estava no momento presente enquanto fazia a salada, que não é uma pausa na nossa confusão cotidiana, mas o lugar lúcido que frequentamos durante a meditação e oração, o sexto continente, ou país supremo, tradução de paraíso, e de onde depois nos movemos no mundo.

Marco, assim como Ginetta, estava com Chiara nas montanhas de Trento em 1949 onde, por meio da prática do amor recíproco, perceberam que existe um paraíso, o sexto continente, na expressão usada por Marco. Antes de 1949, as focolarinas e focolarinos de Trento fizeram um pacto que chamaram de pacto de misericórdia, que não era um pacto que envolvia primariamente o coração, a emoção, mas os olhos, a visão, o modo sutil de olhar o que estamos olhando. Nesse pacto de misericórdia elas e eles se olhavam como quem olha a terra a partir do céu, olhavam-se novos, com olhos novos. Então isso já indica que no modo de amar está contido um modo novo de olhar.

Como olhar? Se olhar o outro, a outra com olhar de hostilidade, em cenário de hostilidade, vai ser muito difícil amar. Então olhar o olhar, olhar como estou olhando, vai ser importante, e isso significa meditação do olhar. Se eu olhar para a pessoa X e botar nela um rótulo lindo ou horrível, vai ser difícil amar, vou conseguir bajular ou depreciar, mas esse não é o olhar do amor. O olhar do amor não bajula nem deprecia. O olhar do amor vê o outro, a outra, a partir do “sexto continente”. Então para amar precisa olhar como estou olhando, e para olhar com o olhar do amor, preciso mudar de lugar, sair do lugar onde os olhares são de bajulação ou de depreciação. O problema é que estamos geralmente com o olhar preso nos cenários fabricados de hostilidade local e internacional e, assim, em vez de fazer algo benéfico, simplesmente entramos nos jogos de poder, nos engajamos numa fofoca ou num elogio de rede social (“aquele presta, aquele não presta”).

Recentemente recebi uma mensagem em uma rede social com um trecho de uma voluntária da área da saúde que, a meu ver, resume bem a situação: “Seguir em frente com a prática e o testemunho. Olhar para frente, pois olhar ‘demoradamente’ para isso faz muito mal à saúde”. Concordo plenamente. Olhar demoradamente para isso faz muito mal à saúde. Faz muito mal à saúde ver pessoas do ideal da Unidade praticando a falta habitual de respeito, insultando sem o menor pudor, sorrindo de raiva em suas redes sociais cheias de fotinhos de Nossa

Senhora ao lado de mensagens de ódio. E isso já não é mais algo ideológico no sentido de esquerda e direita, é cultura do ódio mesmo e, de fato, “olhar demoradamente para isso faz muito mal à saúde”. Impossível argumentar, pois a ideologia do ódio não argumenta, insulta, debocha, ironiza, ri. Dessa forma, entende-se a estratégia da voluntária da área da saúde como estratégia de sobrevivência, de preservação da saúde mental: “Seguir em frente com a prática e o testemunho. Olhar para frente, pois olhar ‘demoradamente’ para isso faz muito mal à saúde”.

Para “seguir em frente sem olhar ‘demoradamente’ para isso que faz muito mal à saúde”, penso que precisaríamos mesmo visitar o “sexto continente” todos os dias até não sair mais dele sem ter despertado para o amor no âmbito da visão e da emoção. Não precisamos esperar a morte como milagre para fazer essa viagem que desperta e libera o modo de olhar e sentir agápicos que já está em todos nós. O “sexto continente” está nos esperando todos os dias na meditação cotidiana. E, tomara que não ocorra de se encontrar a morte em pleno clima de ódio pois essa não é certamente uma boa forma de se realizar tal importante transição.

Vera Araújo, refletindo sobre seu percurso intelectual numa entrevista com Valentina Raparelli, destacou que, num dado momento de sua trajetória de pesquisadora e docente de ciências sociais, percebeu que era possível “olhar, entender, compreender a realidade social a partir de outra perspectiva: direi ‘do alto’ (enquanto antes eu a olhava somente ‘de baixo’) e do alto as coisas são vistas muito melhor e se entende muito melhor quais caminhos percorrer” (ARAÚJO, 2010)<sup>18</sup>. Assim como Marco e Ginetta, Vera também frequenta o sexto continente há anos e de lá traz seu modo de ver-agir.

Tal mudança de lugar-olhar não a retirou dos lugares sociais, mas reposicionou seu modo de ver-agir pelo reposicionamento em relação ao lugar do olhar. Como ela mesma explicou

Daquele momento os meus interesses se tornaram mais sociológicos que jurídicos, e estudei a sociologia para encontrar a sinergia entre o ‘olhar de baixo’ – a sociologia – e o ‘olhar do alto’, isto é, a partir de Deus, ou seja, procurando a perspectiva do olhar do Uno, que vê assim a multiplicidade na sua positividade e não somente na sua conflitualidade (Ibidem) <sup>19</sup>.

E isso não é uma experiência de especulação intelectual para professores com a mente viajante entre conceitos. Não. Olhar do alto é a experiência da descoberta prática, cotidiana, da cidadania do Sexto Continente de onde se olha e se age de modo lúcido-agápico nos lugares sociais por onde passamos. A não ser que tenhamos perdido a fé no sexto continente, que era o lugar onde Chiara encontrava seu modo de olhar-agir na terra.

---

<sup>18</sup> “guardare, capire, comprendere la realtà sociale da un’altra prospettiva: direi ‘dall’alto’ (mentre prima la guardavo solo ‘dal basso’) e dall’alto le cose si vedono molto meglio e si capisce molto meglio quali strade percorrere”

<sup>19</sup> “Da quel momento i miei interessi sono diventati sociologici, più che giuridici, ed ho studiato la sociologia per trovare la sinergia tra il ‘guardare dal basso’ – la sociologia – e il ‘guardare dall’alto’, cioè da Dio, ossia cercando la prospettiva dello sguardo dall’Uno, che vede poi la molteplicità nella sua positività e non solo nella sua conflittualità”

No nosso modo usual de olhar, costumamos separar olhar e agir, mas olhar de um certo jeito já é agir. Se olho e vejo o outro, a outra, como sendo de natureza crística (“ver Jesus no outro”), esse olhar já é uma ação. Se olho e vejo o outro, a outra, como um “desgraçado”, ou “desgraçada” do grupo político que odeio, esse olhar já é ação carregada de ódio. Muito difícil amar quando o olhar está contaminado pelo ódio.

Se olhamos-agimos a partir do Sexto Continente, nosso olhar-agir será olhar agir agápico. Como resumiu Vera Araújo, *“l’agape è la sostanza primaria di ogni essere umano creato a immagine e somiglianza di Dio che è amore”* (ARAÚJO, 2009, p.246). Traduzindo: “o ágape é a substância primária de cada ser humano criado à imagem e semelhança de Deus que é amor”. Vera não usa a expressão pessoa, que pode indicar os papéis desempenhados, mas ser humano, que é algo mais amplo que pessoa enquanto persona, papéis mutáveis desempenhados no teatro cotidiano. Ser agápico é o que somos, mesmo quando estamos afogados na confusão, e se não nos vemos assim é porque ainda estamos vendo e nos vendo de baixo para cima, e não de cima para baixo.

Geralmente associamos a palavra materialismo ao ateísmo soviético ou à idolatria do lucro e do consumo no capitalismo. Mas há também um outro materialismo, de crentes e ateus, meio geral, implícito, cotidiano que é esse olhar de baixo para baixo, com os olhos atrapalhados por aquela “trave” citada por Jesus que impede a visão agápica, que é a visão do Sexto Continente, a visão de Jesus.

Como fazer para mudar para o Lugar, sexto continente, que é lugar-olhar-agir agápico? O exemplo de Jesus, Buda, Teresa de Ávila, Chiara, Gandhi é o mesmo: meditação, oração, prática de retiro, mas é preciso praticar a meditação que olha como estamos olhando, a meditação que vai saindo da visão de hostilidade para a visão de unidade agápica do sexto continente.

Na Carta a Diogneto, documento de autor cristão anônimo do Século II, encontramos essa célebre descrição dos cristãos dos primeiros tempos do cristianismo: “Eles passam seus dias na terra, mas são cidadãos do céu”. Sendo cidadãos do céu, olham a terra a partir do céu e não o céu a partir da terra. Olhando como reagimos ao que se publica nas redes sociais será que poderia ser dito de nós o que foi dito dos cristãos dos primeiros tempos?

No texto Ressurreição de Roma, de 1949, Chiara percebeu uma dupla possibilidade no como olhar a Roma do pós-guerra. Poderia olhar com o olhar usual, com as epistemologias usais, mas poderia olhar para dentro dela antes de olhar para Roma. Optou pela segunda possibilidade: “Olho o mundo que é dentro de mim” (LUBICH, 1995, p.06)<sup>20</sup>. E, olhando assim, “os meus olhos não são mais apagados” (Ibidem, p.06)<sup>21</sup>, pois “não sou mais eu que olho, é Cristo que olha em mim” (Ibidem, p.06)<sup>22</sup>.

---

<sup>20</sup> *“Guardo il mondo che è dentro di me”*

<sup>21</sup> *“i miei occhi non sono più spenti”*

<sup>22</sup> *“non più io guardo, è Cristo che guarda in me”*



Desse modo, olhando para fora a partir do olhar para dentro, Chiara via “com o olho de Deus que crê porque é Amor” (Ibidem, p.06)<sup>23</sup>. Assim, continuou Chiara, “vejo e descubro a minha própria Luz nos outros, a Realidade verdadeira de mim, o meu verdadeiro eu nos outros (talvez enterrado ou secretamente camuflado de vergonha) e, reencontrada comigo mesma, me reúno comigo ressuscitando-me – Amor que é Vita – no irmão” (Ibidem, p.06 e 07)<sup>24</sup>. Isso não é narrativa abstrata, mas relato prático, descritivo do modo de operar de Chiara num contexto político muito difícil.

É dessa forma, com esse olhar-amor, conclui Chiara, que “o amor circula” (Ibidem, p.07)<sup>25</sup> e “então tudo se revoluciona: política e arte, escola e religião, vida privada e diversão” (Ibidem, p.08)<sup>26</sup>. E onde Chiara encontrava tal olhar com uma base epistêmica diversa da base epistêmica usual da hostilidade? Num trecho de vídeo publicado em 2018 (*Como obter e manter a presença do Espírito Santo*), Chiara explica alguns detalhes sobre sua prática de meditação, que não consistia apenas em leitura espiritual. Em tal trecho de vídeo ela destacou que nesse período de silêncio em sua meditação ela procurava não dar atenção às tantas vozes que se manifestavam dentro dela, mesmo quando tinha a impressão de ouvir vozes santas. Procurava não dar encaminhamento a nenhuma delas em tal período e, depois, começava a perceber mais claramente que emergia o que ela chamou de “Aquela Voz”, que era a voz que dava sentido amplo e orientava seu dia-a-dia carregado de desafios (LUBICH, 2018). Dessa forma Chiara encontrava nela A voz da Sabedoria, uma voz com visão lúcida e agápica.

Chiara, com tantas experiências fortes, marcantes, não abandonava nunca sua prática diária de meditação, oração, e só saía dali vestida agapicamente com o olhar-agir do sexto continente. Precisamos fazer o mesmo se não quisermos que a poeira do olhar materialista da visão geral de hostilidade cubra nossos olhos impedindo o olhar-agir agápico.

Deus, em suma, não é somente um modo de amar, um coração, mas um modo de olhar. Deus vê e vê agapicamente. Não há lugar para a raiva no paraíso, somente no inferno e o inferno não está depois da morte, está aqui, hoje, antes da morte. Há quem diga que não levamos conosco ouro e prata depois da morte, mas somente o amor ou a raiva. Melhor viver e morrer no amor, sendo o amor, do que viver e morrer carregando consigo no caixão essa raiva infernal que nos atormentou em vida e na morte e que é exaltada equivocadamente como sinônimo de justiça por leigos cristãos, padres e pastores aos gritos ou com ares de moderação.

---

<sup>23</sup> “con l'occhio di Dio che tutto crede perché è Amore”

<sup>24</sup> “vedo e scopro la mia stessa Luce negli altri, la Realtà vera di me, il mio vero io negli altri (magari sotterrato o segretamente camuffato per vergogna) e, ritrovata me stessa, mi riunisco a me risuscitandomi - Amore che è Vita - nel fratello”

<sup>25</sup> “l'amore circola”

<sup>26</sup> “allora tutto si rivoluziona: politica ed arte, scuola e religione, vita privata e divertimento”

Em suma, se o nosso modo de ver não for semelhante ao modo agápico de ver de Deus, o amor não aparece e o diálogo se torna impossível. Mas com uma visão agápica, a conduta agápica se torna quase espontânea.

Entretanto Ágape não é neutralidade, ingenuidade ou bondade sentimentalista, mas engajamento, engajamento lúcido-agápico. E é a partir do Ágape que lemos tudo o que lemos, inclusive a Bíblia. É a partir do Ágape que fazemos nossas escolhas políticas compreendendo justiça como inclusão, que significa não deixar ninguém de fora. A confusão entre justiça, vingança e raiva é uma evidente produção infernal que capturou a mente e coração de tantos. “Deus”, porém, “é amor” (1 João 4, 8) e os evangelhos de Cristo são evangelhos do amor, só do amor, não do amor e da raiva.

Que Chiara, Marco, Ginetta nos ajudem a olharmos a partir do Ágape em nossas movimentações sociais cotidianas, para que nossa passagem por aqui seja orientada pelo modo lúcido, luminoso, lúdico de olhar-agir do Sexto Continente, nossa verdadeira pátria, país supremo de todos os seres desse e, quem sabe, até de outros planetas.

Obrigado.

## Referências

ARAÚJO, Vera. Agire agapico e scienze social. In: Nuova Umanità XXXI (2009) 182, pp. 245-251.

ARAÚJO, Vera. Le relazioni sociali agapiche. Città Nuova Cultura e Informazione. 2010. Disponível em: [Vera Araujo: le relazioni sociali agapiche - Città Nuova - Città Nuova \(cittanuova.it\)](http://www.cittanuova.it). Acesso em 25/04/2021.

CIARDI, Fabio. Viagem ao paraíso. A experiência espiritual de Chiara Lubich no verão de 1949. São Paulo: Cidade Nova, 2020.

LUBICH, Chiara. Scritti spiritual/1. Roma: Città Nuova, 1978.

LUBICH, Chiara. Risurrezione di Roma (1949). Editoriale. In: Nuova Umanità XVII (1995) 6, pp.5-8.

LUBICH, Chiara. Come ottenere e mantenere la presenza dello Spirito Santo. Effetti. Vídeo. Setembro 2018. Grottaferrata. Código evento: FM20180901-01.

